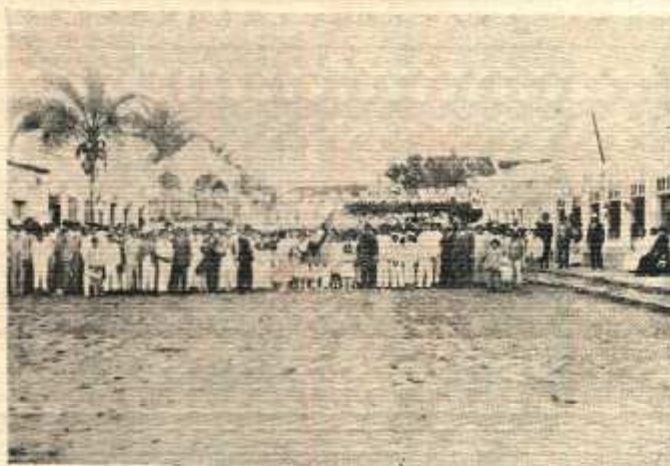


AS FESTAS CENTENARIAS NO INTERIOR



QUANTOS SOMOS E O QUE VALEMOS

O MOVIMENTO PROGRESSIVO DA POPULAÇÃO
E O DESENVOL-
VIMENTO ECONÓMICO DO BRASIL.

Os primeiros resultados do
recenseamento
geral da Republica

Quando o governo federal pensou em mandar executar o recenseamento geral da Republica, não faltou quem considerasse inexecutable a idéa, levando em conta o fracasso de tentativas anteriores.

Tiveramos, é verdade, depois do effectuado em 1890, um simulacro de recenseamento em 1910, mas ninguém ignora o que representou propriamente, para a economia interna do paiz, esse malogrado trabalho. Muito antes d'elle começado, já havia s do desviada do Tesouro a somma vultosa de 6.550.000\$000, absorvida toda em pagamento verdadeiramente nababesco a uma plethora de funcionarios inuteis, e em apparatus phantasticos.

Parece-me, mo que o intuito unico ao projectar-se a tal operação, era o de se aquinhoar regaladamente a uma legião de cidadãos empistolados, sem outra obrigação além da de receber, no fim de cada mez, a gratificação apeteçada.

Fôram feitas perto de nove mil nomeações para agentes recenseadores em todo o Brasil, dos quaes só 1839 compareceram ao Estado de São Paulo e 1691 ao de Minas.

Era uma verdadeira orgia financeira, que deu em resultado o esgotamento absoluto da verba acima mencionada, justamente quando se estava a esperar o inicio dos trabalhos annunciados.

Deante d'isso, andou melhor orientado o governo, mandando sustar-se immediatamente a execução, para evitar maior descalabro financeiro.

Urgia, porém, de accordo com o preceito constitucional que a manda fazer de dez em dez annos, realizar essa obra notavel, principalmente estando o Brasil nas proximidades de

na convicção intelligente de que não é possível dirigir bem os destinos de um paiz, sem conhecer o numero exacto de seus habitantes, suas condições de riqueza e suas possibilidades de trabalho, como muito bem affirma Ber-

As primitivas pesquisas eram feitas, entre nós nos tempos coloniaes, por intermedio das autoridades ecclesiasticas. Tais indagações, porém, não primavam pela exactidão, visto como se excluam dellas não só os menores de sete

annos, como ainda as praias de pret. A carta regia de 8 de julho de 1800 dirigida ao v. c. rei do Brasil, determinou, porém, a remessa regular para o Reino dos dados estatísticos necessarios ao conhecimento, pela metropole, do gráo de prosperidade a que se ia elevando o novo Imperio de Santa Cruz, e para poder ella assim, pesar o valor de suas produções, medir a extensão do seu consumo e o movimento progressivo dos seus habitantes.

Depois da Independencia, o serviço de collecta de dados interessantes sobre os diversos aspectos da vida nacional passou a ser feito com mais assiduidade e perfeição, e já no regimen antigo varias operações censitarias foram levadas a effecto, com resultados mais ou menos satisfactorios.

Dessas operações vale relevar as effectuadas em 1870, sob os auspícios do conselheiro Paulino de Souza, e a de 1872, por iniciativa do conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.

Com o advento da Republica, realizou o Brasil o seu primeiro recenseamento em 1890, e, de accordo com a sua constituição, teria de repetilo de dez em dez annos, num balanço necessario de suas forças e de sua grandeza, se factores diversos não houvessem in-

fluído para que nenhuma das tentativas emprendidas com esse objectivo lograsse o exito desejado.

Não nada mais valioso se realizava



SOCIEDADE PARAHYBANA — Senhorita AMBROSINA SOARES

tilion, citando as palavras judiciosas de Soares.

E' que a estatística tem para o administrador, segundo ainda preceitua o notavel treat-

cas, como os Estados Unidos, que, desde 1790, vêm realizando essa operação decennialmente, com precisão e êxito admiráveis.

Coube, porém, ao governo passado a gloria de levar a termo esse patriótico tentamen e realizando-o, assim como o fez, sob os melhores auspícios e com os mais bellus resultados, o Brasil festejou condignamente o seu primeiro centenário de independenci política mostrando, á clarividencia dos dados colligados, o que é e o que de facto vale em o conceito geral das nações.

Dessa importante operação começam a apparecer agora os primeiros resultados.

A Directoria Geral de Estatística, a cujo intelligente e forço coube a tarefa patriótica de levantar o senso geral do paiz, promette, até setembro, apresentar o resultado geral desse empreendimento nobre, e, enquanto se o espera, não deixa de ser opportuno e interessante o conhecimento dos dados já accessíveis á publicidade.

O censo de 1920 apurou, por exemplo, quanto á população do Brasil, um crescimento de 16.301.690 habitantes, nestes ultimos trinta annos, decorridos da data da realização da primeira operação effectuada na Republica.

E' assim que, enquanto por essa época, em 1890, existiam 14.383.915 habitantes arrolados no territorio brasileiro; em 1920, segundo o ultimo censo, esse numero estava elevado a 30.685.605.

Esse augmento espantoso em o numero de habitantes do Brasil, se verificou, nestes trinta annos, na mesma proporção e relativa em todos os Estados da Federação.

Os quadros a seguir dão um testemunho eloquente do que affirmamos, e nos mostram a collocação dos Estados, pelo numero de habitantes, em 1890 e em 1920:

1890	População
Minas Geraes	3.184.099
Bahia	1.919.802
São Paulo	1.384.753
Pernambuco	1.030.229
Rio Grande do Sul	897.455
Rio de Janeiro	876.884
Ceará	805.687
Distrito Federal	522.651
Alagoas	511.440
Parahyba	457.232
Maranhão	430.854
Pará	328.455
Sergipe	310.926
Santa Catharina	283.789
Rio Grande do Norte	268.273
Piauí	267.609
Paraná	249.491
Goyaz	227.572
Espirito Santo	135.997
Amazonas	147.915
Mato Grosso	92.827

1920	População
Minas Geraes	5.888.174
S. Paulo	4.592.138
Bahia	3.384.465
Rio Grande do Sul	2.182.713
Pernambuco	2.154.835
Rio de Janeiro	1.859.371
Ceará	1.319.228
Distrito Federal	1.157.873
Para	983.507
Alagoas	978.748
Parahyba	961.106
Maranhão	874.337
Paraná	685.711
Santa Catharina	668.743
Piauí	609.071
Rio Grande do Norte	537.135
Goyaz	511.919
Sergipe	477.064
Espirito Santo	457.318
Amazonas	363.100
Mato Grosso	218.615

Não deixa de ser igualmente interessante o mesmo confronto relativo ás diversas capitales.

Eil-o, pois:

1890	População
São Salvador	174.412
Recife	111.556
São Paulo	64.934
Porto Alegre	52.421

Curitiba	24.553
Parahyba	18.635
Cuyabá	17.815
Goyaz	17.181
Victoria	16.887
Aracaju	16.336
Natal	13.725

1920	População
São Paulo	579.003



SOCIEDADE PARAHYBANA — Senhorita BERENICE MINDELLO

Belém	50.064	São Salvador	283.422
Fortaleza	40.902	Recife	238.843
Manoás	38.720	Belém	236.402
Niteroi	34.269	Porto Alegre	179.263
Therézina	31.523	Niteroi	
Maceió			

29.308

Manoás

78.536

Maceió — — — — —	74.166
Ther zina — — — — —	57.500
Bello Horizonte — — — — —	55.563
Parahyba — — — — —	52.990
São Luiz — — — — —	52.929
Florianópolis — — — — —	41.338
Aracajó — — — — —	37.440
Cuyabá — — — — —	33.678
Natal — — — — —	30.696
Victoria — — — — —	21.886
Goyaz — — — — —	21.223

momento de evolução pouco observado em muitas cidades da Europa e dos Estados Unidos, principalmente Nova York e Chicago, cujo desenvolvimento tem sido devotado admirável sob todo ponto de vista.

Pelos cálculos feitos, dentro de trinta annos, a população do Rio de Janeiro poderá estar duplicada.

Sobre a parte economica do censo, por enquanto só podem ser divulgados os resultados referentes ao Districto Federal, por isso que a extensão territorial do país e o notável desenvolvimento que se lhe vem observando em os diferentes aspectos de sua vida economica, não permitiram que ficasse ultimado já o trabalho de apuração dos dados collectados sobre o assumpto em relação a todo o alludido territorio.

O inquerito economico colligiu dados importantes sobre propriedade rural e fabril, perquirindo, quanto a agricultura, as condições de exploração rural, a extensão territorial dos imóveis e o seu valor, a nacionalidade dos proprietários, a produção agro-pecuaria, segundo as varias espécies de lavoura e de criação, os instrumentos e machinismos agricolas, etc.; e quanto as indústrias, a maneira de or-

ganização das empresas, os capitais nelas empregados, as machinas motrizes em uso a materia prima consumida e o combustível annuamente gasto, a produção annual, os salarios pagos, segundo as varias categorias profissionais, etc.

Pelos elementos collhidos no Districto Federal, sabe-se que, em mais de 1700 estabelecimentos fabris arrolados, o capital empregado é superior a 500 mil contos, equivalendo a produção annual das fabricas recenseadas a mais de 640 mil contos, e indo além de 60 mil o numero de operarios da industria fabril.

A agricultura no Districto Federal, embora constituida por pequenas explorações, ainda assim representa um capital de cerca de 20 mil contos, distribuidos por mais de dois mil estabelecimentos rurais. Perto de trinta mil animaes das diversas especies de gado, existem estabulados, não constando desse numero os pertencentes as fazendas e aos sitios recenseados, o que certamente elevaria a mais do dobro a população pecuaria nos varios districtos urbanos e suburbanos.

Deante desses algarismos, que tão bem falam da grandezza desse vasto e maravilhoso país e da capacidade illustre de seus filhos, o Brasil não poderá deixar de orgulhar-se, grato a um serviço assim, de verdadeiro alcance patriótico, devido em muito aos esforços do dr. Raulões Carvalho, que, na mais esclarecida visão, soube imprimir ao mesmo a orientação inteligente e sã, mercê da qual já podemos saber quantos somos e o que valemos.

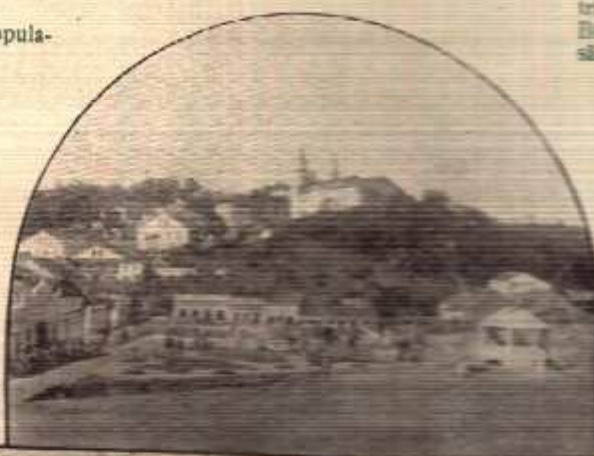
Quanto ao Districto Federal, particularmente, inteessará, de certo, o relato de alguns detalhes sobre o movimento de sua população.

Factores diversos influíram poderosamente para que o grão da população carioca não se apresentasse agora tão elevado quanto seria de estimar, ante o desenvolvimento assombroso que vem a capital da Republica experimentando, em aspectos outros de sua vida.

E' assim que, de 811.443 habitantes, arrolados em 1906 pelo censo municipal effectuado pelo saudoso Pereira Passos, a população carioca se elevou apenas a 1.157.878 habitantes recenseados agora.

Entre os factores alludidos, avulta o da mortandade da gripe em 1918, além da diminuição de imigrantes e sahida de muitos estrangeiros durante a guerra.

Segundo as estatísticas officiaes, a população carioca decuplicou com os ultimos cem annos, o que é, aliás, sobremodo notavel, visto como constitue um phe-

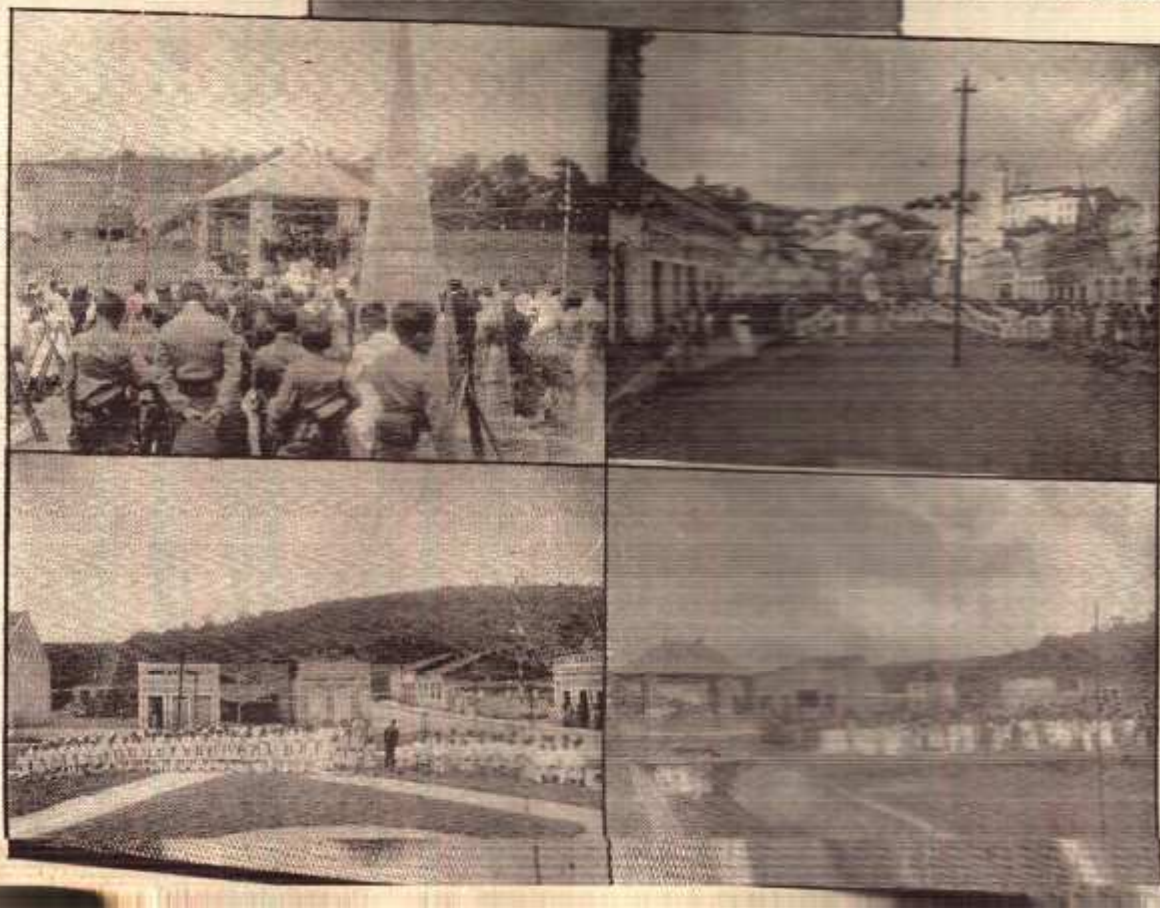


- 1) PANORAMA DA CIDADE
- 2) MISSA CAMPAL, A PRAÇA EPITACIO PEREIRA
- 3) DESFILE DO PRESTITO CIVICO
- 4) FORMATURA DOS ALUNOS DAS ESCOLAS PUBLICAS
- 5) AO FINDAR A MISSA CAMPAL

AS FESTAS

CENTENARIAS

EM BANANEIRAS



PARAHYBA DE HOJE



Edifício da IMPRENSA OFFICIAL

OBRAS DO PORTO DA PARAHYBA

PROJECTO

CANAL DE ACESSO E ANCORADOURO

O projecto consta de um canal de acesso, com desenvolvimento de 20 kilometros, uma bacia de evolução, ou ancoradouro, e os cães de acostagem e de saneamento.

A profundidade do referido canal é fixada em 6 metros, abaixo da maré minima, e a largura em 60 metros, augmentada para 80, no ultimo trecho do referido canal, isto é, na entrada do ancoradouro, ou bacia de ligação.

Terá o ancoradouro 180 metros de largura, por 550 de extensão.

CÃES — O cães será constituído por 4 filas de estacas de concreto armado, cujo comprimento varia de 21^m,00 a 12^m,00, a partir da primeira ordem. Sobre as estacas correrá uma viga de cimento armado e sobre esta o aterro, feito com escória de altos fornos.

Da ultima fila de estacas partirá o enrocamento de pedra jogada, que ficará separado do aterro por meio de uma cortina de cimento armado (estacas pranchas).

O cães será ancorado por amarrações de concreto armado, espaçadas de 10^m,80 em 10^m,80, que, partindo do paramento vão imbutir-se em um bloco de concreto prismático rectangular, cujas faces medem 2^m,00 x 1^m,50, situado a 110^m,00 de distancia.

Será o cães provido de guindastes modernos, com capacidade para cinco toneladas, e raio de 10^m,80, linhas fortes e armazens vastos, de architectura sobria, como convém ao genero, mas elegante.

Desta forma, o aterro por detrás do cães, até a margem do rio, poderá ser feito com economia e facilidade, pois será executado por uma das dragas que possuem dispositivo proprio para realizar o producto dragado a logar conveniente.

DRAÇAGEM — (barra) — A dragagem na barra foi pequena, e não houve necessidade de intensificação. Attingiu a 13000^m³,3000.

CANAL — A dragagem no canal attingiu a 1202.731^m³, sendo que esta cifra não representa, em absoluto, o total dragado, cuja cubação foi calculada pelo methodo das secções transversaes, que não prevê os grande deslocamentos de vasa provocados por escavações em leitos dessa natureza.

O canal, todo elle, se acha com profundidade superior a 5^m,00, em balizante minima, exceptuando o trecho de cerca de 300^m,00, que está sendo dragado.

Entre o kilometro 4 e 7 está sendo feito um alargamento de 30^m,00.

Ainda assim, esse resultado significa um esforço extraordinario, dadas as difficuldades provenientes de um transporte de 16 kilometros, findo o qual os areeiros e batelões têm de percorrer, de retorno, e descarregados, os mesmos 18 kilometros num espaço de tempo muito dilatado, para que se não torne prejudicial á boa marcha do serviço.

Entre os kilometros 2 e 6 foi feita uma variante, com o fim de desviar o canal das pedras existentes nas proximidades do rio Tiriry.

Esta variante não augmentou a extensão do canal projectado.

ANCORADOURO — De accôrdo com o primeiro projecto approvedo, o ancoradouro teria 250^m,00 de extensão. Posteriormente, foi ampliado para 550^m,00.

O primeiro trecho já está dragado com profundidade maior que a indicada no projecto, faltando, porém, alargal-o.

Actualmente, tem a largura de 110^m,00, sendo de 180^m,00 a definitiva.

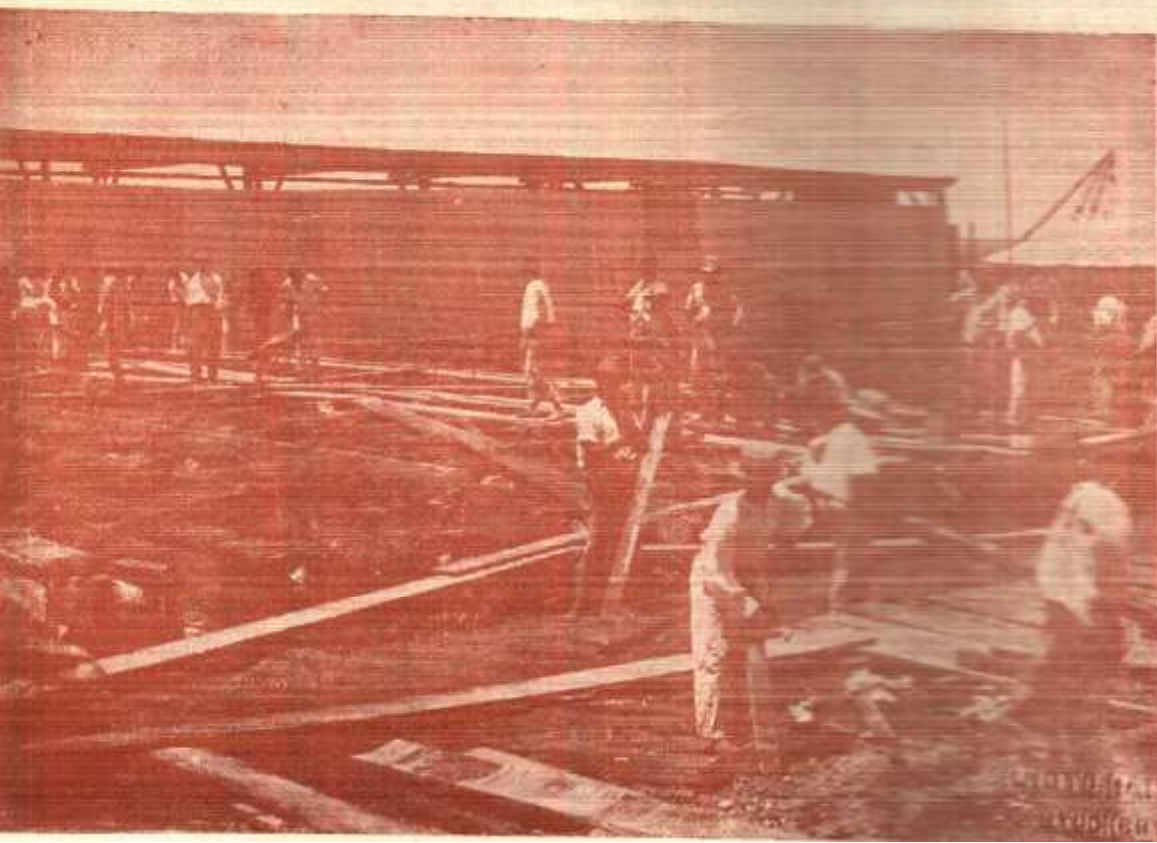
A dragagem no ancoradouro attinge a . . . 425.612^m³,000.

A dragagem total, executada na barra, ancoradouro e canal attingiu a 1.641.333^m³,000 tendo sido o preço medio do metro cubico dragado e transportado, aproximadamente, 1\$150.

ESTACAS DE CONCRETO ARMADO — Em setembro do 1921, foi iniciada a construção das armaduras metallicas para feitura das estacas de concreto armado, a serem utilizadas no cães. E, em janeiro do anno, transacto, foram concretadas as primeiras estacas.

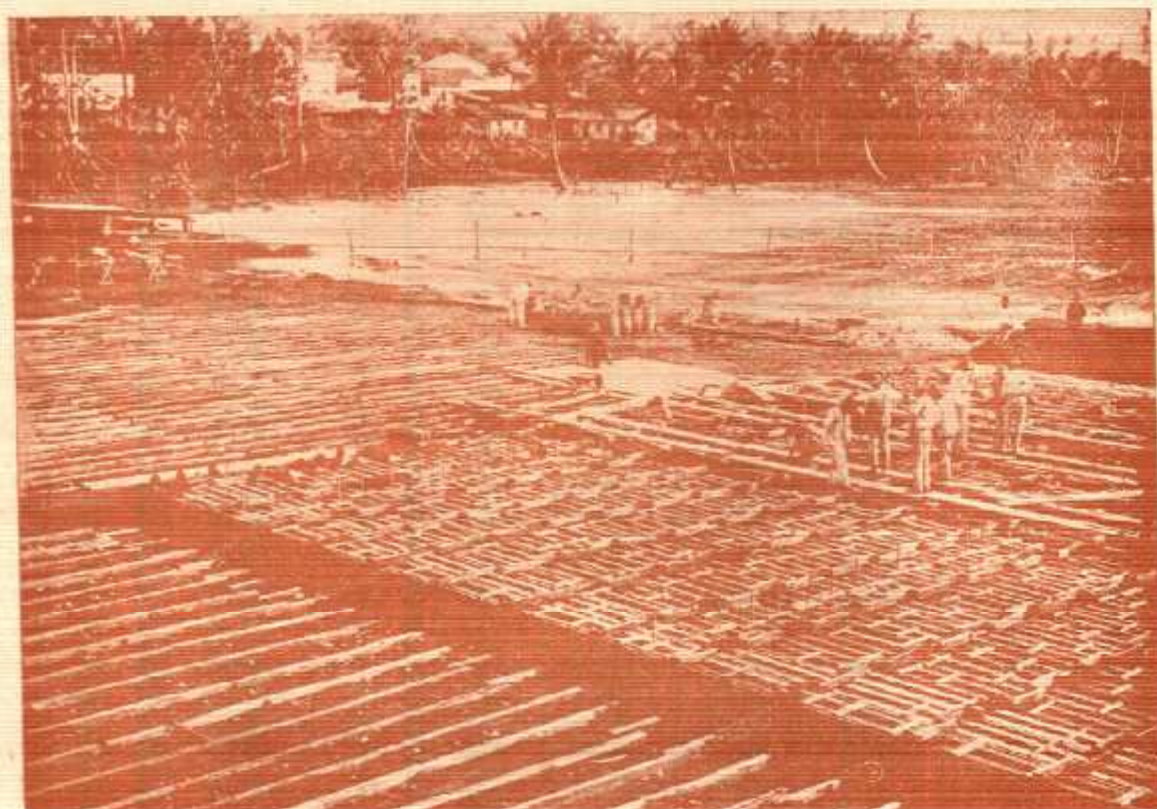
Para este fim, a Inspectoria de Portos havia apresentado um typo de estacas com 0^m,35 de diametro, cujos vergalhões distavam da superficie exterior.

Em contraposição a este typo, propoz a administração um semelhante, em que os vergalhões se afastavam mais do centro, distando da superficie externa pouco mais de 0^m,01. E justificava a proposta com o argumento, aliás verdadeiro, de que, deste modo,



ERA NOVA

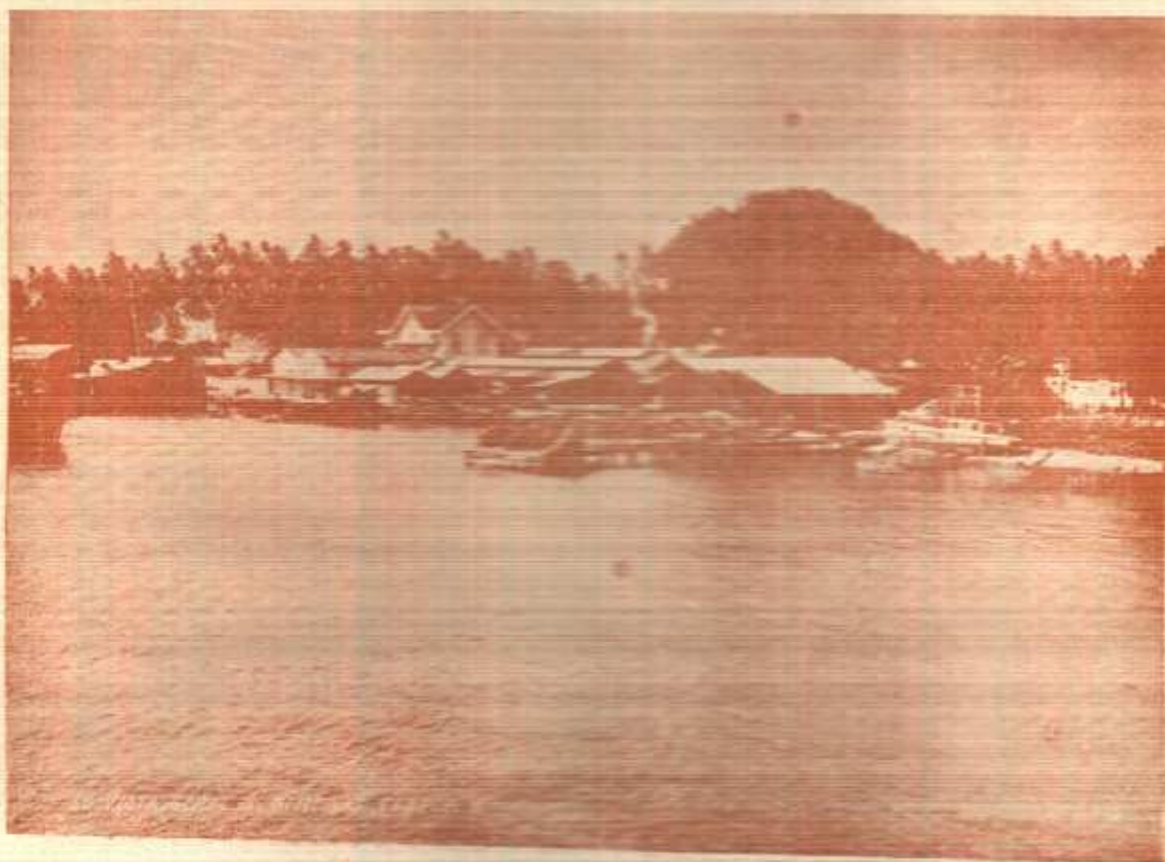
OBRAS DO PORTO



CONSTRUÇÃO DE ESTACAS DE CONCRETO ARMADO PARA O CAIS



OBRAS DO PORTO

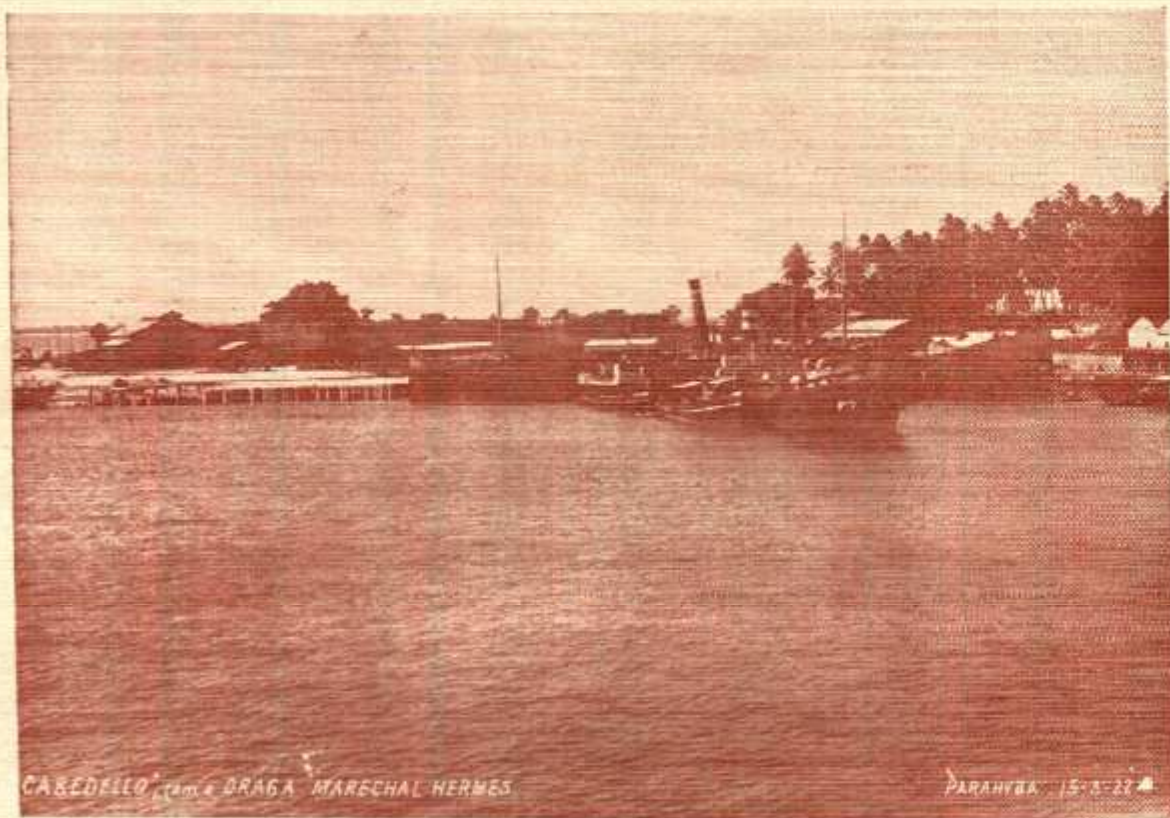


VISTA GERAL DAS OFFICINAS DO PORTO DA CAPITAL, EM CASIDELLO



39. OFFICINAS PROVISÓRIAS - CONSTRUÇÃO
- CASAS PROVISÓRIAS - CASAS PROVISÓRIAS - CASAS PROVISÓRIAS

OBRAS DO PORTO

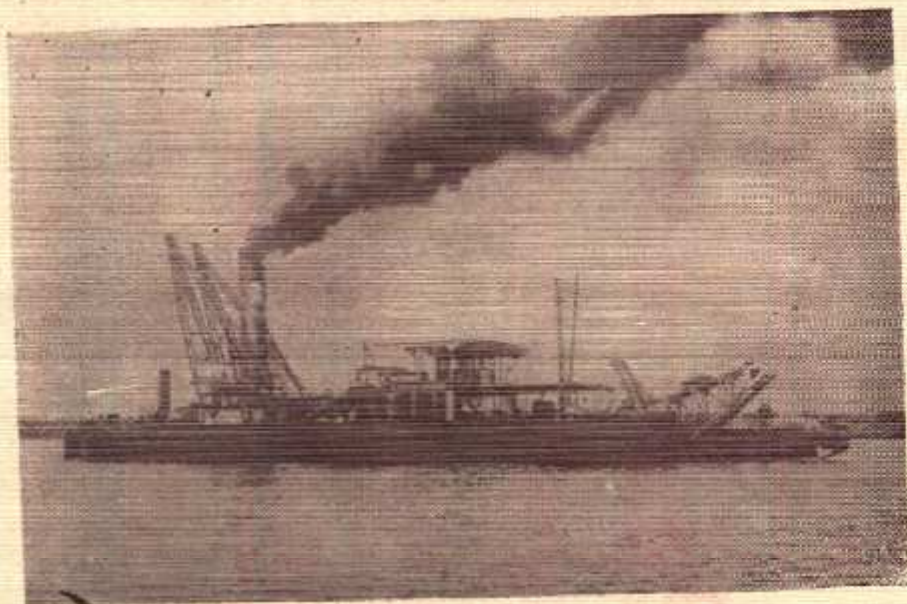


ERA NOVA

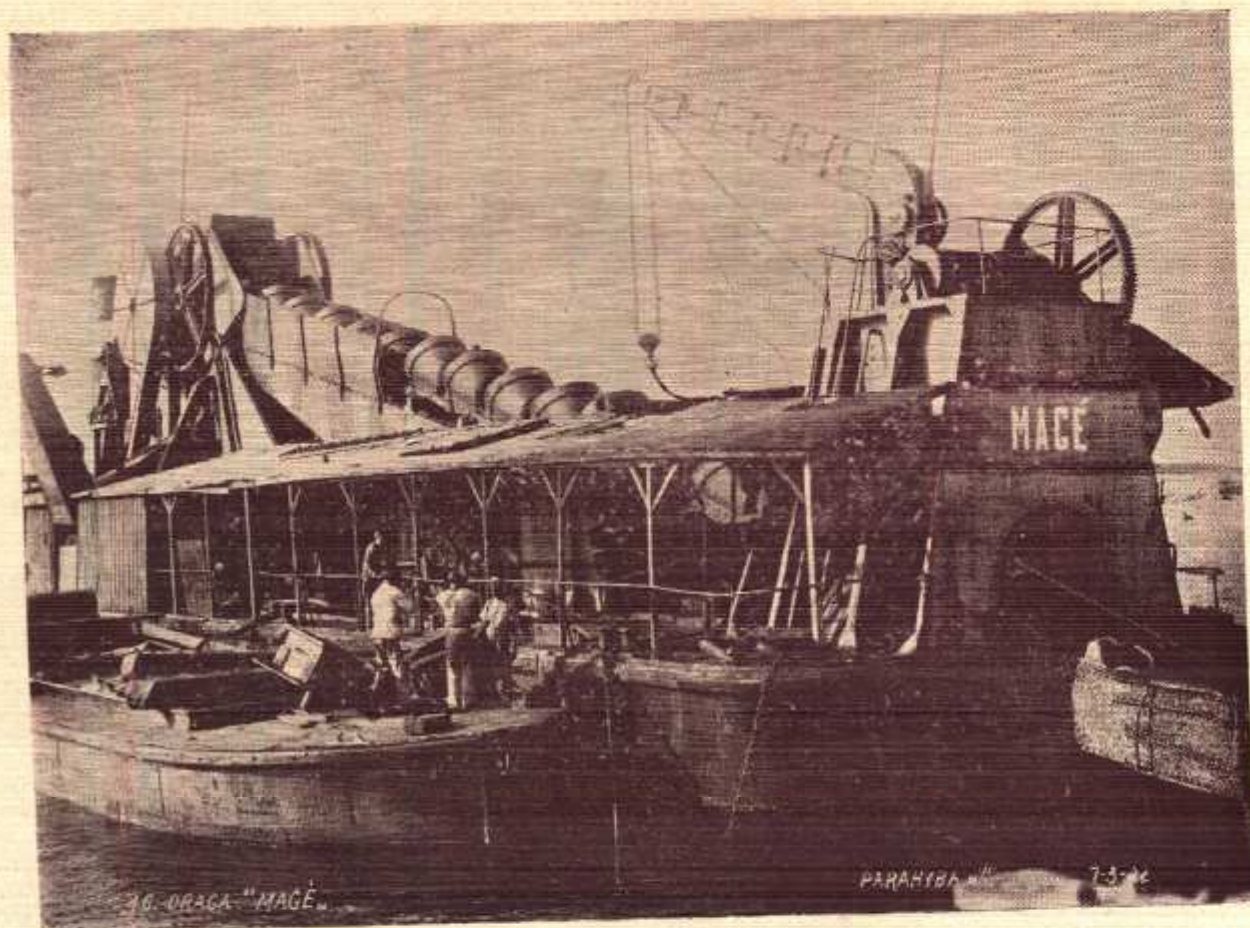
OBRAS DO PORTO



OBRAS DO PORTO



A GRANDE DRAGA — PARAHYBA



10. DRAGA "MAGE"

PARAHYBA 7-3-22

Oswald de Andrade, estheta e pensador.

Conheci Oswald de Andrade na redacção do «Correio Paulistano».

Fram onze horas da noite,

Eu tinha ido em visita a Menotti del Picchia, com quem conversava animadamente, quando este, chamando por um typo espartado e forte, compicção de atleta, apresentou-me:

— «Oswald de Andrade, o psychologo dos «Condemnados».

Desconhecia o livro, pois sahira do prelo dias antes; não a pessoa, de quem me falara certo collega da Faculdade de Direito ali.

Entre nós três logo se estabeleceu essa intimidade que nasce da sympathia intellectual.

Aquelles dois vultos disseram-me do espirito novo, da arte actual; prégaram, com a convicção de pensadores, o evangelho que ha de erguer sobre o cadaver do passado a imagem victoriosa do presente.

Nessa mesma occasião travei relações com Benjamin de Oaray e Alfredo d'Escagnolle Taunay, dois aferrados ás idéas antigas.

Discutimos do movimento literario de Pernambuco e tive de confessar que em Recife eramos todos... «passadistas».

Então Oswald e Menotti, que têm duas fogueiras de enthusiasmo accenas n'alma, mostraram, ao que ia saturado do espirito de hontem, o que era o espirito de hoje.

E conclui que aos moços na capital paulista está entregue a direcção desse extraordinario movimento intellectual, a defesa e implantação do Credo Novo.

Horas depois abandonávamos a redacção do «Correio», eu e Oswald, intimamente identificados, enquanto Menotti continuava em seu mesier de redactor politico do órgão official do Estado.

Na rua a garça — a sensual tristeza nocturna de São Paulo — cahia lentamente.

A «Avenida Antonio Prado» desdobrava-se em duas fileiras paralelas como dois braços gigantes estendidos em direcção do infinito, num gesto eloquente de supplica, numa ansia silenciosa de espasmos.

A cidade dormia religiosamente. As arvores sombrias semelhavam pensadores de bastas cabelleiras ruminando obras duradouras.

di, na modesta dos immortaes, envolvia-se nas asas da gloria...

E Oswald falava-me do Novo Evangelho de Arte.

No dia seguinte mudi o vol. I.º da «Trilogia do Exílio». Do do ouvira segun- ginas



OSWALD DE ANDRADE

de serva-pensamento, autor em casa de Mario de Andrade, o mais apurado critico de arte da capital paulista.

Li todo «Os Condemnados», na esperança de encontrar retratada a alma de Oswald.

Puro engano.

Entanto é um livro onde a verdade se despara em cada pagina, no rendimento de um estylo nervoso e consciente, vendo-se o leitor obrigado vez ou outra a concluir a edição do autor.

Palestrando, Oswald tem um riso para tudo: narra anedoctas e faz trocadilhos, satirizos e ironico como um bom burguez.

Dá-nos, porém, livro amargo.

E' que, escrevendo, o espiritalizador de Alma mergulha na reflexão como aquelle pen-

vo; a sua visão psychologica, fecunda e admiravel.

Não lhe foge um traço na vida da personagem. O seu estylo tem para cada estado emocional, para cada paisagem, um traço vigoroso, uma nuance propria.

No frontespicio do livro grava: «Aos olhos que choram, ás esperanças castigadas, aos lutos obscuros».

Offerce a obra de tedio. De tedio porque traduz a verdade de factos sociaes occultos nas apparencias das vesies bem talhadas e dos monoculos triumphantes.

De amargura... E haverá quem não tenha um riso amargo de ironia para os vícios que corrompem as bases do edificio social de hoje?

E' um desses vícios que Oswald estuda: o «cafenismo».

Em o n.º 6 de «Klaxon» diz A. Couto de Barros: «Os detalhes. Ahi é que Oswald se revela prodigioso... Com espantosa economia de traços, Oswald arma ambiente, articula seres, derrama vida vermelha sobre a realidade chlorotica, de gelatina...»

E Ronald de Carvalho em «O Jornal» do Rio: «Oswald de Andrade traça a pagina tumultuosa e aspera de «Os Condemnados», em que se agita a carne miseravel dos seres humanos, movidos pela fatalidade».

Opiniões que dispensam commentario.

O «caffen» é Mauro Glade; a victima, Alma. Um «nunca trabalhara mezes a fio. E vestia-se bem. A voz dos «cabareis», cantava-lhe victoriosamente nos ouvidos alegres». A outra, com a sua «mocidade banhada de sol e a sua tristeza banhada de luz», rolara «num esbanalhamento de gritos e surpresas, pela rampa mítica das prostituições sensacionais». Ainda João do Carmo, cujo programma era «ser Don Juan por desastre sentimental». Alma vendia a bom ou máo preço as suas carnes: o dinheiro entregava-o a Mauro Glade. Este, então batia. Que importa? Amava-o mais, assim — insolente.

«Cão! Mesmo assim, queria-o tanto!»

«Ella dava-lhe tudo — a vida e a alma».

negava beijos! Então «bem-dizia-o pela recusa». Que prazer o della ser preciso supplicar, venar obstaculos para conseguir aquelle beijo frio como o contacto duma lage...

Tanto mais a batesse quanto mais o queria...

João do Carmo é o telegraphista sentimental, amando em Alma a flôr da illusão da vida, desejando arrastal-a da lama para a felicidade do lar. Prendia-a, porém, aquelle «deus decahido». Alma preferia Mauro com suas mi-

Alma é a flôr humana arrastada á lama desse vicio. Mauro a voz do simoun. O redemoinho é forte. A haste verga, quebra-se. A flôr perde o vigo e cae, malsinada, no charco infecto. Alguém que a quiz salvar, desapareceu. Que futuro aguarda essa flôr infeliz?

«O livro inaugura em nosso meio technica absolutamente nova, imprevisita, cinematogra-

dobrar logico do seu pensamento. Nos tempos de academico deixou na Faculdade de Direito um traço vivo de sua passagem. Conserva os conhecimentos adquiridos, e os discute. Notadamente em philosophia e arte.

Duas feições características distinguem sua personalidade: a do estheta e a do pensador.

Ora, o religioso, o sentimental, o catholico tolerante, admirando da egreja as suas bellezas indestructiveis; ora o psychologo autor

dos «Condenados». Ninguém reconhece o religioso nesse livro. Por isso quero o Oswald observador, que pensa, investiga e deduz.

Também jornalista, de imaginação viva, inspiração ardente, até onde o leve a necessidade de convencer. Não lie falta o «humor», ao commentario. O seu espirito não se transvia em sophismas. As convicções baseiam-se na cultura. O poder de observação nelle é tão forte que um artigo é um amontoado de pensamentos e illações que se desdobram como a toalha verde de um campo immenso. As vezes grita toda uma multidão em suas phrases; outras toda uma cidade, com businas de automovel e bimbalar de sinos, o homem nos mais insolitos actos de loucura, quando a paixão o domina, o instincto alarma e a reflexão foge.

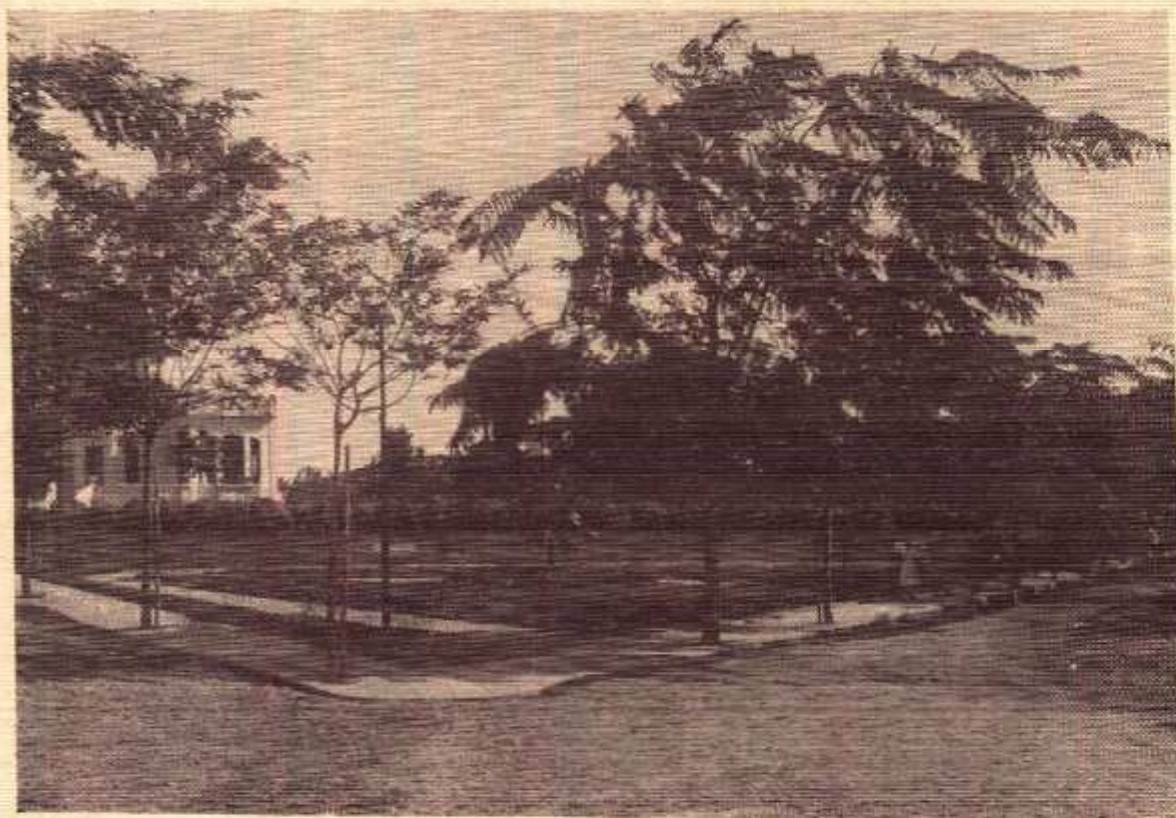
E' que estamos deante de um pensador que comprehende a humanidade no que ella a si propria se desconhece: em suas paixões, nos seus vicios, no caminhar doloroso para o Calvario final.

Grande artista, Oswald, Pertence ao grupo «Klaxon», o grupo formado dos artistas novos de São Paulo, para derruir o predio carcomido das velharias. E como mostram o que é de hoje, não os comprehendem e chamam-nos «futuristas». «Klaxon», é também o organ dessa movimentação. Ronald de Carvalho escreveu:

«Klaxon» é a voz de todas essas vozes libertas de sinuosos compromissos.

Oswald é «klaxista». Por isso, para elle, «o Eu instrumento não deve apparecer. Estabelecer a metaphysica experimental. Tinham razão os bons naturalistas. A' morte o Eu estorvo.

PARAHYBA DE HOJE



APRASIVEL RECANTO DA PRAÇA BELLA VISTA

serias. João do Carmo suicida-se. Um fraco como tantos.

Vê-se: Em Oswald as observações levam ao mais amargo pessimismo. Nenhuma palavra de lastima pela morte daquelle infeliz. A fatalidade o quiz. Narrando o nascimento do fundo do amor espurio de Glade, diz simplesmente: «Era homem. E trazia a estrangular-lhe o pescoço aplasmico a fita umbelical dos malsinados».

Morre a creança. E o romance continúa sem menos aquelle grito de dor, porque todas as personagens soffrem em «Os Condenados», com excepção de Mauro Glade, o «cafen».

Jorge d'Avellós, que surge no fim do volume, continuará no segundo essa grande tragedia da vida.

phica. Ao leitor é deixado advinhar o que o romancista não diz, ou não devia dizer.

Ainda A. Couto de Barros.

Realmente, não conheço obra identica em nossa literatura. Quantas vezes não se fica a pensar no absurdo de uma expressão quando nella contido existe um pensamento?

«Os Condenados» é um livro de observações serias, fundadas nos principios basicos da psychologia experimental, onde a visão do autor revela um espirito essencialmente perscrutador, capaz por si de erguer á humanidade o panno sob o qual se passam as mais fundas tragedias, se consomem as mais septicas vidas e se gemem as mais terriveis dores.

Alma é a vida; Mauro Glade o vicio que a destróe.

Vicio social veridico esse que Oswald

dica e seria. Revela-se sem pedantaria no des-

conhecem o immenso mal da

No estilo desse romancista encontram-se sempre profundas notas de "humour", com maior observação do que Switz, por que é mais de hoje.

«Os Condemnados», com esses traços de psicologia e esses luminosos raios estilísticos, torna-se a obra dum esteta e dum pensador.

Viverá enquanto a humanidade for a de hoje. Depois marcará o signo duma época que passa.

Recife, janeiro, 923.

JOAQUIM INOJOSA

«QUERO que a minha Pátria seja uma dessas grandes árvores, de longas e profundas raízes, aferrando-se no mais remoto e secreto seio da terra, no amago do solo consagrado pelos tempos, regada pelo suor, fecundado pelas lágrimas, lavrado pelo sacrifício de muitas gerações de trabalhadores. Quero que a sua copa livre, autonoma, soberana, alargue no amplo céu a sua mocidade e a sua independência; mas quero também que, com a sã e sadia ventura das suas folhas, com a formosura das suas flores, e com o sumarento vigor dos seus frutos, ela remaneça a força do humus da terra de que se fez a sua raiz, e abraço a nobreza dos seculos que a robusteceram».

OLAVO BILAC

ORAÇÃO DE COELHO NETTO

Terra de fecundidade, neste instante de asilo, por accôrdo de corações, que geraste ou acolheste em teu amor e que pulsam isóchronos por ti, em todos os pontos do teu terri-

torio, onde se encontram, a teu serviço, um dos nossos, sóis, vultos por tua grandeza e por, por tua ventura e glória, pronunciados ao ritmo dos mesmos minutos e das mesmas pulsões.

Quizemos que assim fosse para que se fundisse na mesma expressão, num molde, o pensamento da classe, tornando-se esta prece um como vertice de convergência de todas as nossas almas.

Assim como as flores de uma espécie, onde quer que pasçam e desabrochem, exalam o mesmo aroma, assim decidimos que, a uma hora dada, que é esta que ilumina o Tempo, todos os auxiliares do commercio do Brasil pronunciariam por ti a mesma oração a Deus e às suas Forças maiores, a começar da Fé, que tem o nome de Confiança, quando milita na terra, aquecida pelo entusiasmo, que é a energia heroica, até a Paz, com os dois semeadores que a ladeiam: o Pensamento e o Trabalho.

Sê bendicta, terra magnifica e formosa, que te revelas cada vez mais bella; terra que, em milagres de opulencia, cada vez te expandes em maiores riquezas, abrindo-te em maravilhas que deslumbram e favorecem com a fortuna aos que se achegam á tua hospitalidade.

O teu sóto, variado em accidentes, ora liso em alfombras, ora alteado em montanhas frondosas; copado de florestas virgens ou aberto em campinas verdes, nas quaes os horizontes correm á maneira das miragens, fugindo sempre nas distancias que se prolongam indefinidamente, é todo elle prosperidade.

E quem o faz assim lindo e rico? Do alto, o sol que o acaricia e fecunda com o beijo de ouro cálido; nas entranhas profundas, o Tempo avato, que economizou a aclearidade dos dias e a escuridão nocturna, as orvalhadas, todos os desperdícios da natureza para fazer com elles os minérios; e, á flôr da terra, as aguas que rebentam de mananciaes perennes, e tão abundantes que transbordam em rios e ainda, a maior parte, por excessiva, arroja-se no mar, salgando-se em vagas e, assim, com as sombras da tua grandeza, ainda alimenta so oceano.

Que te falta, a ti, que és a mais rica entre as nações, para seres a maior entre as maiores? Falta-te apenas o que te pódem dar os homens, porque de Deus já tudo recebeste.

Façam elles por ti o que fez o creador e o que fazem os elementos; a terra, a agua, o ar e o fogo eterno, o sol e culminarás no mundo como o cimo da tua magnificencia.

Por nós, com o nosso amor e interessado empenho em correspondermos á tua generosidade, neste instante feliz do dia secular da tua independencia, juramos sobre a tua bandeira amar-te de coração ardente, trabalhando para que vivas com honra sob o pallio da paz, com os celheiros cheios, as campinas coalhadas de rebanhos, as industrias em desenvolvimento activo, a Família na virtude, a Força sempre alerta e a tua bandeira ao sol, em triumpho: a terra moça e linda, terra verde de esperança, terra dourada da fortuna, terra florida da belleza. Pátria, que tanto alagas aos que geram como aos que recebes na tua meiga e generosa hospitalidade.



ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS

UMA DAS TELAS DE F. AURELIO QUE ORNAM O SALÃO DE HONRA DO PALACIO DO GOVÊRNO

ERA NOVA

ESTAÇÃO ESPERIMEN NO MUNICIPIO



1) SONDAAGEM
PARA O
AÇUDE — VAR-
ZEA "CAMARGO
CABRAL"

2) VARZEA
"WILLIAM DE
SOUZA"
PREPARADA PA-
RA O PLANTIO
(ARADA E GRA-
DEADA)



TAL DE PENDENCIA

DE SOLEDADE



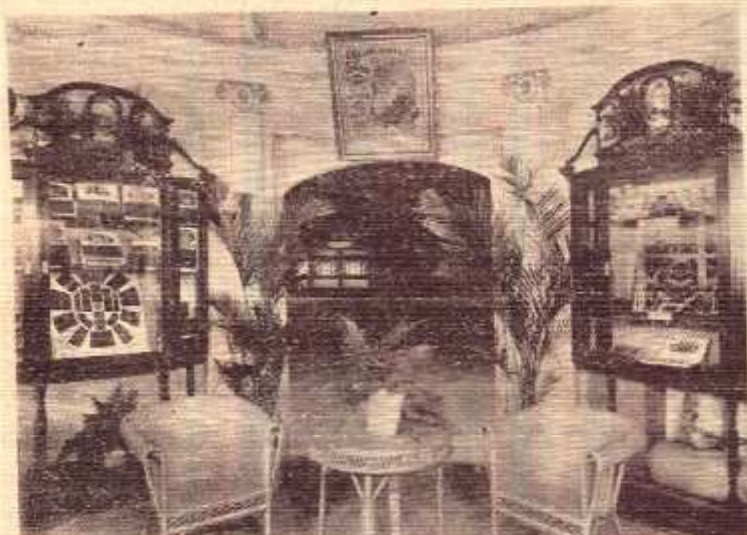
3) MILHARAL
NA VARZEA
"11 DE JANEIRO"



VARZEA
IN NATURA

INDUSTRIA NACIONAL

O PAVILHÃO DA COMPANHIA DE
CHARUTOS **DANNEMANN** NO RECINTO DA EXPO-
SIÇÃO INTERNACIONAL DO RIO DE JANEIRO



Entre as industrias nacionais repre-
sentadas no grande certamen
do Centenario acha-se a florescente in-
dustria de charutos e fumos, que
pelo aperfeiçoamento dos seus proces-
sos technicos vem despertando a
atenção e o interesse dos nacionaes e
estrangeiros. Em lugar de desta-
que vemos ali a exposição dos produ-
ctos da grande e conhecida
fabrica de **Dannemann & C.^a** e da
não menos conhecida Fabrica de
STENDER & C.^a, ambas ultimamente in-
corporadas sob a firma:

COMPANHIA DE CHARUTOS DANNEMANN

Successora de **Dannemann & C.^a** e **Stender & C.^a**, S.
Felix-Bahia, com fabricas filiaes em Muritiba,
Maragogipe, Nagé e S. Gonçalo de Campos.
Em pequeno, porém mui bello pavilhão proprio
acham-se expostas as conhecidas marcas, ma-
nipuladas com a mais escrupulosa escolha da
materia prima, os fumos finos do Brasil, de
Sumatra, Bornéo, Havana e Mexico, que fazem
a delicia dos nossos mais exigentes fuman-
tes, rivalizando com os melhores similares es-
trangeiros. As victorias successivamente ob-
tidas nas grandes feiras mundiaes são o melhor
attestado da preferencia que sempre gosaram
as acreditadas marcas, como ficou sufficiente-



mente comprovado nos seguintes premios conquistados: MEDALHA de OURO Paris 1889, MEDALHA de OURO Chicago
1892, GRANDE PREMIO S. Luz 1904, GRANDE PREMIO Rio de Janeiro 1908, GRANDE DIPLOMA de HONOR Buenos Aires 1910,
GRANDE PREMIO Bruxellas 1910, GRANDE PREMIO Turim 1911, GRANDE PREMIO Gand 1913 e GRANDE PREMIO Londres 1921.

Por intermedio dos snrs. FERREIRA AMORIM & C., industriaes parahybanos,
representantes nesta capital dos Charutos **Dannemann e Stender**, apresentamos á C.^a
Charutos **Dannemann**, os nossos cumprimentos pelo grande exito que vem
obtendo a exposição de seus exellentes productos no grande certamen internacional do
Rio de Janeiro, onde tão dignamente vem representando a industria nacional.

AO ANOITECER

Geme a rola na serra. A tarde avoada,
Como um tocheiro, as lágrimas do ar,
Muda visão parece que distende
Um véo de pyrilampos no paiz.

Nos juncaes da lagia, o sapo entoa
O cantocho miserrimo da lama;
E o bacurão de quando em quando voa
(Vate infeliz, que não contempla a aurora,
E o seu amor proclama
No silencio tumbal daquela hora).

A cigarra emudece, o grillo acorda;
Canta o nambé nas moitas de m-funto...
D'Ave-Maria ao dobre,
Alguém, no céu, serrilha estrelas, borda
A redoma infinita que nos cobre,
Cheis de luz e caneva, de chumbo.

Curral de Cima -- 1902

Rodrigues de Carvalho

||||| POÉTA |||||

I

Numa pensão obscura, há um homem que medita
Em intensa emoção, bem sozinho e secreto,
Invisível, alguém certos pensamentos lhe dicta
Que elle, escrevendo-os, sentia e os seus chora. É um poeta.

II

Há nos seus olhos expressão de aqua quente,
Onde se espelha a Glória, — esta visão malhada
Que, ás vezes, sombra, na sua alma se projecta,
Que fogo, ás vezes, no seu cérebro arde.

III

O poeta é um doido demoníaco e divino...
A alma de um poeta é a alma dos poetas: o perfume
Da mancenilla envenenada do Destino.

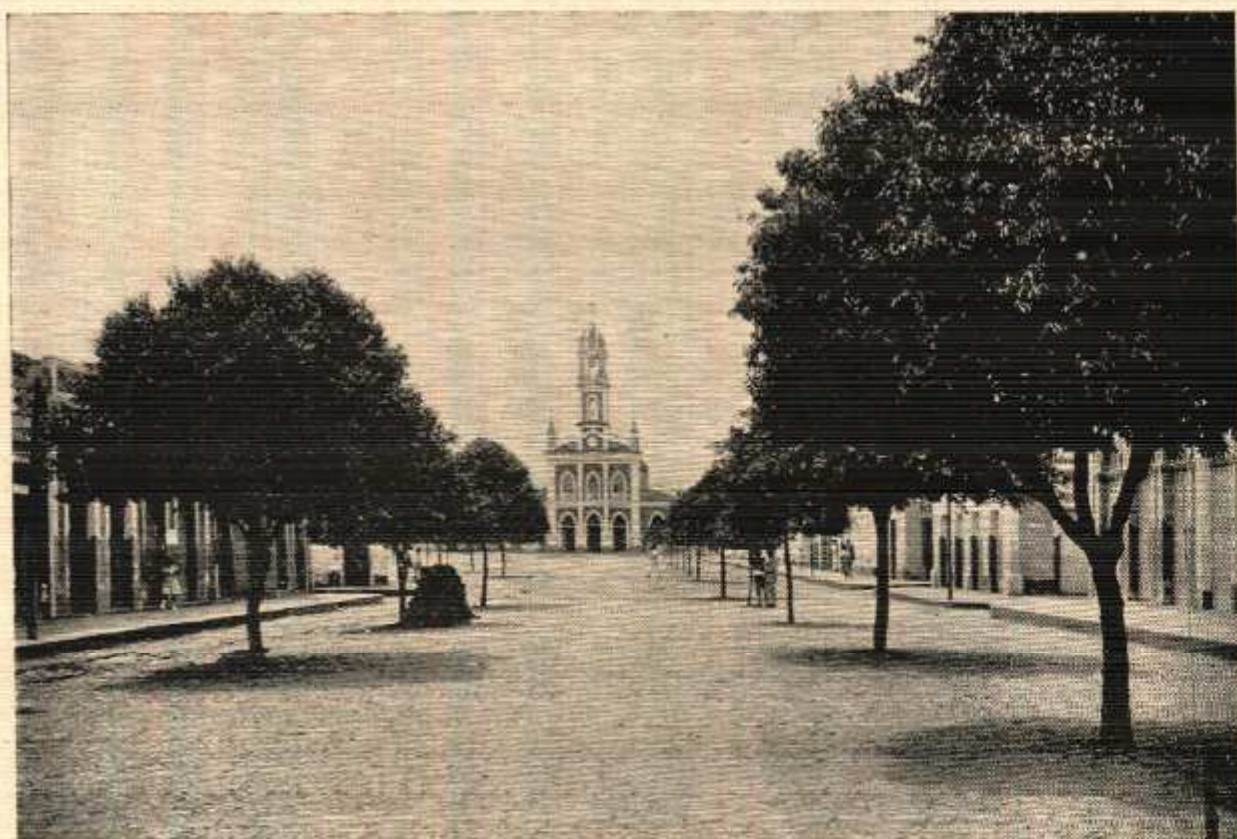
IV

Trabalha, arfa, delira e soffre e tumultua
Ansiando a Glória... E a Glória, ás vezes, se resume
Numa estatua esquecida, ao largo de uma rua...

EUGEN BARROS

ASPECTOS

DO INTERIOR



EM ITABAVANA — Praça Desembargador Heracito Cavalcanti



ERA NOVA

"INDEPENDENCIA OU MORTE!"

REVISTA HISTORICA

Encenada na premiação do Colégio das Irmãs, desta capital, a 29 de novembro de 1922.

QUADRO I

ANCIAS DE LIBERDADE

SCENARIO: Ao fundo, uma floresta que se vem acabar na praia; oude o Brasil, passeando, declama.

SOENA UNICA

O BRASIL, em traje de indio meio civilizado.

BRASIL (ao meio do palco) — Eu sou a terra de S. Cruz, hoje Brasil. Tirou-me Deus de seu regaço bondoso, em a noite dos tempos, e debriçou-me longamente á borda do mar ceruleo, desmedido e audaz, que é o Atlantico, sob este céu de turquezas e borrifado de estrellas a que o Cruzeiro preside. Meus pés se banham no Prata, minha enorme cabeleira de mattas virgens, no Amazonas; meus braços se abrem de Parahyba a Cruzeiro do Sul, num abraço immenso. Eu sou o coração da America: — enorme coração que palpita sem cessar, dando vida ao grande continente. Eu tenho um grande seio, seio immenso e fecundo, que é patria de genios.

Meus filhos ahí repousam, repousam mansamente, carinhosamente, ao contacto materno. (Desanimado). Mas... mas... é preciso acordal-os: eu tenho grilhões... grilhões, grilhões que me prendem, que me amesquinham, que me esterilizam. (Anda) Ai! de vossa mãe, brasileiros!

Tenho ferros que me escravizam a mim e a vós. (Com esforço) Partamol-os, filhos de meu amor. (Acalmando-se e saudoso) Ai! eu campeava feliz pelas minhas selvas sem fim; trepava as allivas serranias e descia á profundidade de meus valles, cantava na musica de meus passaros multivagos; embriagava-me na fragrancia de minhas flôres tropicaes; sussurrava pelas vozes da brisa matutina, trovejava em ondas pela praia. (Pára) Eu vivia: vivia no caboclo, vivia no jaguar, vivia na palmeira, vivia no tacape, vivia na taba, vivia na floresta; ninguém me domava. Senhor dos sertões e das praias, eu só temia a Tupá, o grande Deus que me fez tão grande. (Alegre, passeando) Feliz, feliz eu era...

(Desanimado) Mas um dia descobri ao longe umas velas, brancas velas que demandavam meu porto, velas que traziam almas vivas de um outro mundo, que eu suppunha melhor. E senti fremitos de jubilo.

Era a hora de meu nascimento para a crença, para a civilização. (Abrindo os braços) Abri os braços e acolhi bondoso os nautas temerosos que affrontavam meu segredo secular. Sêde bemvindos, disse-lhes, á terra das racas nobres, do povo rico e generoso.

em gesto negativo) Trahiram-me os ingratos!!! (Lamentoso) Meus filhos são hoje dilacerados, roubados, escravizados; meu seio negado em proveito do colonizador ambicioso; meu sangue tidoado com a raça de Cham; minhas filhas ultrajadas!!! Que mãe não ha de chorar tamanha desgraça! (Chora). Isto não é viver, é esgotar a vida inutilmente; é o horror do vilipendio. Quando eu era livre nos pampas, nos brejos, nas serras, nos valles, nos sertões e nas praias... Mas agora roubaram-me a liberdade, negaram-me até o pão commum da civilização. Anchieta, levanta-te de teu tumulto; Nobrega, Navarro, Ignacio de Azevêdo, vinde alimentar-me... (Pára). Campeões da Cruz, pioneiros do progresso, eu vos espero, eu vos reclamo; (estendendo os braços para a frente) Vinde, vinde, não tardeis.

(Pausa) Que ouço? é o trovão de Pombal: elle expulsa os melhores obreiros de minha formação; rouba-me aquelles poucos que valiam por uma legião, os que me amavam e faziam bem, e manda-me os aventureiros, os criminosos, os pessimos, almas sem consciencia nem coração, que não podem educar um povo, mas degradal-o. (Emphatico) Portugal, Portugal, eu te paguei bem caro a gloria de me revelares ao mundo; compadece-te de mim. Olha, eu sou a mãe afflicta desta raça de heróes, que ha de fazer pasmar o universo; eu sou o Brasil, que

se deixa prender para mostrar como são frageis os grilhões de seus inimigos. Lembra-te que eu rechassei o batavo, que se antepunha á minha fé; recorda quantos valentes e bravos tenho dado. Escuta, velho reino que a politica mesquinha já invalida, escuta minha angustia no choro prolongado de minhas cachoeiras; ouve meus lamentos por entre o vendaval insofrido, que agoita minhas florestas; repara meus queixumes no arrulhar continuo da jurity saudosa, e dá-me liberdade. (Emphatico) Terra de D. Manuel, desata-me estes laços; patria de Camões e de Vêira, attende, eu sou a patria dos genios. (Desanimado) Portugal, tu me roubas os filhos, e dizes que são tua gloria; tu me apanhas nas selvas e dizes que sou teu escravo; tu me cavas as entranhas, e dizes que meu ouro é tua riqueza; tu me governas com manipulas, e dizes que sou livre. (Despertando) Livre! sim, serei livre! Eu escuto, descendo do norte, um grito de liberdade.

Washington, o grande patriota, o lançou pelas plagas americanas: elle é fecundo e inventivo!!! (Com esforço) Filhos, acordae: esta é a hora da vigilia. Vossa mãe precisa de liberdade: liberdade para pensar, liberdade para trabalhar, liberdade para governar-se — oh! é tremenda a tyrannia dos senhores!!! — Filhos, meus filhos têm vida; minha vida tem amor; meu amor tem o paraíso! Vivei ao aconchego fecundante da minha patria, mas a meu calor, á a liberdade!



SOCIEDADE PARAHYBANA
Senhora ADYLA MARTINI

GONZAGA

(*sentando*) — As cans têm a precedencia.

CLAUDIO

(*chacarrinho*) — Mas eu sou o dono da casa; embora a casa seja da república...

GONZAGA

Tanto melhor.

TOLEDO

(*intervindo*) — Sr. desembargador, vossa exc. não se deve fazer rogado.

GONZAGA

(*para Toledo*) — A religião presida.

TODOS

Sim, a religião presida.

CLAUDIO

Ella será a nossa inspiradora, a nossa força.

GONZAGA

(*sentando Toledo na presidencia*) — V. revma. merece este logar por si e pela causa que representa.

TOLEDO

Acceito pela causa que represento (*senta-se*; os demais sentam-se também, ficando Gonzaga à direita e Claudio à esquerda de Toledo).

ANDRADA

(*para Toledo*) — Ora, sr. vigário, v. revma. foi fazer de juiz de paz, e ficou preso.

TOLEDO

No banco de réo pela patria.

TODOS

Muito bem! (*Novas pancadas á porta*).

MACIEL

(*levantando-se*) — Serão os que faltavam? (*Chega á porta, dá signal para que entrem os recém-vindos*).

SCENA III

Os mesmos, Padre Rolim, Rezende puz e Barbosa

ROLIM, REZENDE e BARBOSA

(*descobrimo-se á porta*) — Salve a Patria!

OS DE DENTRO

(*de pé*) — Salve o Brasil redimido! (*Entram os recém-chegados, a quem Maciel toma os chapéus e guarda, e sentam-se*).

ROLIM

TOLEDO

Não ha porque desculpar. Esperavamos os amigos, e enquanto estavam sêda.

ROLIM

(*quillering*) — Neste tempo em que Portugal nos nega sêda para os ornamentos sagrados, isto é prodigalidade peccaminosa.

CLAUDIO

(*bonachão*) — Não, F. ta sêda não foi fabricada na China.

ROLIM

(*ironico*) — E' mesmo brasileira.

ALVARENGA

Tanto melhor; mais uma prova de que o Brasil pôde ser independente.

TODOS

Bravos da logica!

TOLEDO

(*compondo-se*) — Esperamos por mais alguém.

MACIEL

Creio que hoje só temos os presentes.

TOLEDO

Neste caso, declaro aberta a sessão. (*Todos se compõem e ficam atentos*). Meus amigos, vinha bondade de-me esta presidencia; eu a acceito pela idéa que represento — a religião; — e por ella vos agradeço. Desculpae-me as faltas; sabeis como sou pequeno.

TODOS

Não apoiado!

TOLEDO

O assumpto de nossa reunião, hoje, é muito grave.

Ha tempos que vimos preparando o golpe decisivo para a independencia de nossa extenuada patria, victima inerme do despotismo portuguez.

TODOS

Apagado?

MACIEL

(*Contrariando*) — Da immoralidade do governo.

TOLEDO

(*continuando*) — Temos trabalhado, e não sem resultado; contamos com muitas e valiosas adhesões. Esperavamos somente que o governo iniciasse a cobrança dos quintos de ouro atrasados, — o que lhe traria immensa odiosidade e nos facilitaria o golpe; agora, porém, por motivos que é impessivel adivinhar, o Marquez de Barbacena, presidente desta provincia, decretou relaxada a cobrança dos quintos atrasados. Como vêdes, falha-nos o nosso plano.

ERA NOVA

MACIEL

(de pé) A revolução, sem demora.

TOLEDO

Combinaes?

TODOS

Sim, a revolução. (Maciel senta-se).

TOLEDO

Parece o melhor alvitre. Mas... tendes noticias de Tiradentes?

BARBOSA

Eis aqui uma carta que hoje mesmo me chegou do Rio. (Todos ficam curiosos, olhando para Barbosa; este tira do bolso a carta e entrega-a a Toledo).

TOLEDO

(calmo, abre a carta e lê.) Meu caro Barbosa, como vão os nossos amigos? Como vai você? Então o tigre de Barbacena já começou a sugar o sangue de nossos queridos mineiros? Aquillo é uma peste que precisamos deportar para Angola, com esta outra que traz uma coroa de cuia, o Vasconcellos. Havemos de deportar-os brevemente, e elles irão torrar as banhas no sol delicioso de 40 grãos. (Riem-se os assistentes).

ANDRADE

E' azêite em penca.

MACIEL

Pud'remos vendere p'ra Portugal. (Riem-se).

TOLEDO

Ainda não acabei...

MACIEL

Desculpe, reverendissimo.

TOLEDO

(Continuando). Por aqui vou trabalhando, numa lucta incessante, mas gloriosa. Tenho adhesões de officiaes e civis em evidencia, numero muito crescido. Todos nos apoiam. Não faço reservas e sou bem acolhido. O dinheiro, é verdade, ainda não pude arranjar; mas elle virá, não tenemos duvida. E o Brasil em breve estará liberto desta corja de malandros. Eu estou prompto para dar a vida pela independencia de nossa patria; creio, porém, que ella não me pedirá tanto. Seja você, ah!, a vida, a alma de nossos amigos, juntamente com o Maciel. Eu confio em todos. Um abraço em cada amigo: no Claudio, no Toledo, no Alvaranga, no Gonzaga, no coronel, no Rolim, nos Rezendes, em todos, no Oliveira também. Libertas que será tamen. J. J. da Silva Xavier (Com voz differente, para os presentes) Que vos parece esta carta?

GONZAGA

(com serenidade). Não ha duvida.

CLAUDIO

Concordo com os amigos.

OS DEMAIS

Muito animadora.

TOLEDO

Ella faz referencias ao dinheiro...

MACIEL

(de pé) O dinheiro arranjarremos aqui mesmo nos cofres publicos. Elles pertencem á república.

TODOS

De certo.

TOLEDO

Então, que se resolve?

ROLIM

Iniciar agora mesmo a revolução.

TODOS

(de pé) A revolução!

ALVARENOA

Ainda que nos custe a propria vida.

MACIEL

Daremos satisfeitos a vida pela liberdade da patria!

TODOS

Certamente.

GONZAGA

Neste caso, amigos, entoemos o hymno da revolta.

(Cantam todos, de pé, o hymno da liberdade da patria. Ao terminar a ultima estrophe, surge em cada porta um policial).

Hymno da Liberdade

Congo João de Deus

Qual estrella que surge formosa,
No horizonte longinquo a brilhar,

Tai no peito da patria ditosa
Liberdade o teu nome a vibrar!
Oh! não tardes! E' tempo! A esperança
Nos acena em sorrisos de luz!
Ha perigo, talvez, na tardança
Para a patria querida da Cruz!

Quando o sol inunjar os espaços
Com seu brilho de luz immortal

SOCIEDADE PARAHYBANA



Senhorita MARIA MENDONÇA

ERA NOVA

Ouve a prece que sobe ao teu throno,
 Liberdade sublime e gentil,
 E vem, preste, livrar do abandono
 Nossa pátria querida, o Brasil!

CÔRO — Vem de lá, da immensidade
 A quebrar nossos grilhões!
 Por ti chamam, Liberdade,
 Brasileiros corações.

SCENA IV

Os mesmos e os policiais

POLICIAES

(de pte. d. porta) Presos em nome de el-rei!

TODOS

(amedrontados, fogem para os cantos da sala).

MARILIA

(angusthada e abraçando-se a Gonzaga) — Meu amor!

GONZAGA

(abraçando-a, calmo) — Filha, tens a minha lyra.

QUADRO MUDO

(Cae a cortina do fundo e deixa ver, á porta do centro, Tiradentes na força. Surge, então, uma jove vestida á republica, sustentando a bandeira branca com o Triângulo encarnado e a phrase: LIBERTAS QUAE SERA TAMEN; e recita o soneto)

TIRADENTES

Augusto Meira

Sonhaste, um dia, a Pátria redimida?
 Quizeste, um dia, a terra brasileira
 Soberana, liberta, sobranceira,
 E o sonho encheu-te o coração e a vida!

Nada abateu-te a fronte encandecida
 Na avançada de luz, aguiá altaneira,
 Quando a tua alma heroica e alviçareira,
 Ergueu-se augusta, impavida, atrevida!

O despotismo te seguiu no encaço!
 Pretendeu jugular no cadafalso
 Teu sonho immenso, exciso, varonil...

Mas, se Cabral plantou na terra ignota
 A Cruz... Regou teu sangue patriota
 A liberdade eterna do Brasil!

(Cae o pano)

QUADRO III

A REVOLUÇÃO DE 1817

Meeting do Padre João Ribeiro, na praça do Erario, Recife, em março de 1817.

SCENARIO: Uma praça, com uma mesa ou tribuna ao centro.

SCENA UNICA

Antes de levantar o pano, ouve-se o borborinho da multidão que enche a praça e dá vivas.

VOZ

(dentro do palco) — Viva a Pátria!

VOZES

Viva!

VOZ

Morra o despotismo!

Morra!

SOCIEDADE PARAHYBANA



Sentença RIBOIRA DE LASCIO

Viva a Liberdade! VOZ

Viva! VOZES

(Sobe o pano)

UMA VOZ

Tinha a palavra o Padre João Ribeiro.

VOZES

(secundando) — Padre João Ribeiro, padre João Ribeiro, padre João Ribeiro.

P.º RIBEIRO

(sobe calmamente á tribuna, a assistência bate palmas freneticamente e volta-se para o orador, feito silencio, começa). Brasileiros... pernambucanos... patriotas, reclamastes a minha presença na tribuna... aqui estou para obedecer á reunião.

VOZES

P. RIBEIRO

E que vos hei de dizer, heroico povo pernambucano?!
Que a patria es'á redimida, que o Brasil está salvo, que
não obedecemos mais a Portugal . . .

VOZES

Bravos! Muito bem! (Palmas.)

P. RIBEIRO

Que vos hei de dizer mais?! . . .
Que fostes vós os bravos filhos de
Pernambuco, os descendentes de Al-
buquerque e de Vieira, de Vidal, de
Camarão, de Henrique Dias, que sal-
vastes a patria da tyrannia, que aca-
baes de arrancar a das trevas para a
luz, da escravidão para a liberdade...

VOZES

Bravos! (Palmas).

P. RIBEIRO

Eu vos saúdo, patriotas intemera-
tos, com os parabens do triumpho,
e tenho a honra, a honra é para mim,
de vos comunicar a ultima victoria.
Sabeis? O govêrno deposedo rendeu-se,
rendeu-se incondicionalmente, pôde-se
dizer. (Palmas). As portas do Brum
nos estão abertas, o governador da
capitania e as altas patentes portu-
guezas estão detidas ás nossas ordens.

UMA VOZ

Viva a revolução triumphante!

TODOS

Viva!

P. RIBEIRO

O Erario allí está (aponta para o
edificio do thesouro); elle é da
republica. O nosso dinheiro, melhor,
o vosso dinheiro, o suor que tendes
derramado a custo sobrehumano pa-
ra saciar a fome insaciavel dos panta-
gruelicos côrtezaes, agora está defen-
dido, vós mesmos sereis os seus
guardas.

VOZES

Bravos da republica!

P. RIBEIRO

Ficae descansados, a nossa obra é estavel. E senão, dizei-
me: onde estão os vossos seniores? . . . Debandaram . . . Onde
os mercenarios do despotismo? . . . Desappareceram . . . Onde
os agaloados que nos insultavam? . . . Estão prisioneiros . . .

VOZES

Apolado! apoiado!

P. RIBEIRO

Descançae, nobre povo pernambucano, não tendes mais se-
nhiores, nem castreiros; somos todos irmãos.

VOZES

Muito bem!!! (Palmas).

P. RIBEIRO

A republica está fundada; ella abrangerá em pouco todo o
Brasil. Nossa obra foi preparada por homens que amam a patria
mais que a si proprios, que lhes darão suas vidas com toda a ef-
fusão de suas almas. Nossos peitos serão as trincheiras defensoras
da liberdade da republica.

VOZES

Bravos! (Palmas).

P. RIBEIRO

Pernambucanos, parahybanos, rio-grandenses e cearenses
também terão participação na liberdade do Brasil.

só, uma grande alma, alma victoriosa e heroica, a fazer a liberda-
de da patria. Comvosco está, gloriosos pernambucanos, sim, com-
vosco está a Parahyba, na pessoa de Amaro Gomes e de Estevam
Carneiro da Cunha; comvosco o Rio Grande do Norte, na pessoa
de Miguelinho e André de Albuquerque; comvosco o Ceará, na
pessoa do joven e ardoroso Alencar. A Bahia não supporta mais o
conde dos Arcos: temos alli muitos amigos que commungam de
nossas idéas. Para lá, parte, agora mesmo, Abreu e Lima, o pa-
dre Roma, este batalhador invencivel . . . Posso afirmar-vos, pois,

AS FESTAS CENTENARIAS NO INTERIOR



PHOTOGRAPHIA APANHADA NA CIDADE DE PATOS

vae tudo muito bem; . . . magnificamente bem. A liberdade da
patria está garantida!

UMA VOZ

Viva a liberdade da patria!

TODOS

Viva!

P. RIBEIRO

Agora outra nova. Fazia-se preciso um govêrno, uma ca-
beça pensante que tudo encaminhasse, por que a machina da re-
publica não perdesse o equilibrio. E o govêrno está eleito.

UMA VOZ

Qual é elle?

P. RIBEIRO

Eu tenho a honra de vos comunicar os nomes daquelles
a quem a patria está entregue. São elles: pelos militares o patrio-
ta Domingos Theotônio Jorge; pela magistratura o patriota de
Jo. é Lins de Mendonça; pela agricultura o patriota coronel Ma-
nuel Correia de Araújo; pelo commercio o patriota Domingos
José Martins; e pelo clero o vosso humilde creado . . . (Palmas
prolongadas).

UMA VOZ

Viva o govêrno republicano!

TODOS

Viva!!!

P. RIBEIRO

São secretarios: Mayrink e Miguelinho . . . Como vêdes,
também terão participação na liberdade do Brasil.



SOCIEDADE PARAHYBANA — Senhorita AMELINHA THEOROSA

VOZES

Apoiado! apoiado!!!

P. RIBEIRO

Sois assim alliviados dos vexames do fisco... Resolvemos mais: nenhum de nós receberá emolumentos da republica pelos actos do governo; viveremos de nossas economias; o que é vosso servirá para vós somente.

UMA VÔZ

Bravos da republica!

P. RIBEIRO

Agora, patriotas, recolhei-vos a vossas casas; dormi tranquilos e acordae para o trabalho; sorri com o sol e descançae com a lua. Precisamos de trabalhar, fructificar nossos campos, augmentar nossos recursos para que a prosperidade se venha unir a liberdade — aura querida que se abraça connosco, — e assim, Patriotas! Deus está connosco: foi elle que nos tornou tão facil a victoria; ella,

hozamo, na velha matriz de S. Antonio, o Te-Deum solenne de acção de graças.

O governo, o clero e vós, alli estaremos amanhã, aos pés de Deus, para lhe rendermos nossa immensa e immorredoura gratidão!... (Palmas). Viva a religião!

TODOS

Viva!

P. RIBEIRO

Viva a patria!

TODOS

Viva!

P. RIBEIRO

Viva a liberdade!

TODOS

Viva!

(Cde o pano)

QUADRO MUDO

Os martyres de 1817

Sobre um estrado, ao centro, Padre Roma, com a mão esquerda deixa cahir no chão papeis rasgados; a direita aponta o peito. A' direita do Pe. Roma, José Peregrino de Carvalho, joven de 19 annos, militar, olhando para o crucifixo que seu paé, de joelhos a seus pés, lhe apresenta.

A' esquerda do Padre Roma, Padre Miguelinho, erecto e imperturbavel, sustenta na esquerda levantada um cartel onde está escripta a palavra — CASTRO — sem completar o O por falta de espaço.

Surgem então dos lados cinco anjos, representando as provincias revoltadas: Pernambuco, sustentando a bandeira da revolução de 1817 Parahyba e Rio Grande do Norte, Ceará e Alagôas, e entoam o hymno do Centenario de 1817.

Hymno do Centenario de 1817

Letra de Carlos D. Fernandes
Musica de Camillo Ribeiro

Subam hymnos nas asas de gloria
Nos supermes e ideaes arreboés,
Onde vive e refulge a memoria
E o renome dos nossos heróes.

Como: Já em annos passaram, Que breve
E' dos tempos o eterno rolar!...
Caras sombras, que a gloria vos leve!
Ide juntas na gloria sonhar!

E vós mesmo que a historia nos conte
Como o feio sublime se deu;
Venham louros e myrtos á fronte
Que em laes sonhos angustos viveu.

Sós, accorda, immortal paladino!
Na republica absorto ainda estás?
Cavalleiro pugnaz, Peregrino
De Carvalho, cingido serás!

(Cde o pano)

QUADRO IV

O Fico — 9 de Janeiro de 1822

SCENARIO: — Sala do throno no paço da cidade do Rio de Janeiro, em 9 de Janeiro de 1822. Ao centro o throno sobre estrado; ao lado o poltronas; cortinas e festões das portas e pela sala. Ornamentação de gala.

SCENA I

D. Pedro e sua suitta: sete pessoas entre camareiros e gentis-homens, deita guardas do paço.

GUARDAS DO PAÇO

Entram os guardas do paço... (Cde o pano) *Príncipe no limiar da porta* Viva

ERA NOVA

A COMITIVA

Viva! (Entra o Príncipe precedido de seu sequito, a saber, seis gentis-homens adeante e o camareiro mór á esquerda).

CAMAREIRO MÓR

(adeantando-se para o throno e sustentando o Príncipe pelo braço esquerdo). Aqui, serenissimo Senhor, (O Príncipe, em traje de gala, senta-se no throno; o camareiro-mór posta-se ao lado esquerdo em frente ao throno; os demais membros da comitiva collocam-se em ordem nos lados do throno. Os guardas continuam á entrada da sala).

D. PEDRO

(para o Camareiro-mór). O Senado demora ainda a chegar?

CAMAREIRO

(respeitoso). Não, serenissimo Senhor; já se approxima. (ouve-se ruido confuso de vozes e gritos: Viva o Senado da Camara!)

Viva!

D. PEDRO

(para o Camareiro). Que impressão, parece-lhe, ha de causar a minha resolução de ficar no Brasil?

CAMAREIRO

A melhor possível, serenissimo Senhor. Todos lião de ver que vossa Alteza sabe reflectir e resolver, e mais ainda, que muito ama o Brasil.

D. PEDRO

Assim é que devem entender, Luiz. Eu amo muito ao Brasil: é minha segunda patria, o berço de meus filhinhos. Seu povo é nobre e digno, elle merece o meu amor. Por elle renuncio agora essa viagem ás cortes européas, com que me acenam de Lisboa; por elle tudo sacrificarei. Esposo a causa dos brasileiros. (Ouvem-se passos fortes á entrada)

GUARDA DO PAÇO

(dirige-se ao throno e em continencia) Serenissimo Senhor, o Senado está á porta.

D. PEDRO

(para o guarda). Mande-o entrar.

GUARDA DO PAÇO

(desce a mão, ao afastar-se do throno, e chegando em frente da porta, em continencia). Sua Alteza Real o Príncipe D. Pedro manda que vossas excellencias entrem para sua presença. Os guardas em continencia, postados aos lados da entrada, deixam que o Senado penetre na sala. Os senadores, dois a dois, precedidos do estandarte branco e azul da Camara com as quinas portuguezas ao centro e sobre ellas a coroa portugueza, entram descobertos, em numero de seis, e após elles, frei Francisco de S. Theresia Sampaio e o coronel Manuel Carneiro Fontoura, representantes do povo.

SCENA II

Os mesmos, o Senado da Camara, Fr. Sampaio e coronel Carneiro Fontoura.

CLEMENTE PEREIRA, presidente do Senado

(adeantando-se para a frente do throno e fazendo profunda reverencia á palavra — Senhor — no que é imitado pelos senadores. Fr. Sampaio e cel. Carneiro)

*Senhor: A sahida de Vossa

Alteza Real dos Estados do Brasil será o fatal decreto que sancione a independencia deste reino! Eis, portanto, a salvação da patria que Vossa Alteza Real suspenda a sua ira até a determinação do soberano congresso. Tal é, Senhor, importante verdade que o Senado da camara desta cidade, impellido pela vontade do povo, que representa, tem a honra de vir apresentar a muito alta consideração de Vossa Alteza Real. Cumpre demonstrar a:

O Brasil, que em 1808 nasceu nos vastos horizontes do Novo Mundo a primeira aurora de sua liberdade... o Brasil que em 1815 obteve a carta da sua emancipação politica preciosa dadição de um rei benigno... o Brasil, finalmente, que em 1821, do á mãe patria, filho valente como fiel, quebrou com ella os ferros do proscripto despotismo... recorda sempre com horror os dias da sua escravidão recem-passada... teme perder a liberdade mal segura que tem principiado a gosar... e receia que um futuro envolvimento o precipite no estado antigo de suas desgraças. O filho daquella recordação piedosa, daquelle temor e desrevelo, o veneno, que a opinião publica se apressou a lançar na carta da lei de 1 de outubro de 1821, que decretou a sahida de V. Alteza Real, porque entendendo que este decreto tem por vietas roubar ao Brasil o centro de sua unidade politica, unica garantia de sua liberdade e ventura. E' filha das mesmas causas o desbor e o descontentamento com que o povo... contra a moção da extincção dos tribunaes deste reino, porque desconfiou que Portugal aspira reedificar o imperio de sua superioridade antiga, impondo-lhe a dura lei da dependencia, e atrojando todas as prerrogativas de mãe como se durasse ainda o tempo da sua cautela estorçada, sem se lembrar que o filho emancipado já não pôde ser privado com justiça da posse de direitos e prerrogativas que por legitima pertilha lhe pertencem. Tal é,



SOCIEDADE PARAIBYBANA — Senhorita CAMERINA MAROJA

Senhor, o grito da opinião publica nesta provincia. Corramos a vivas brevemente sobre as outras e que se pôde esperar da sua conduta? Pernambuco, guardando as materias primas da independencia, que proclamou um dia, mallograda por immatura, não extingua, quem duvida que a levantará de novo se um erro proximo de união politica a não prender? Minas principia

de alterar a lei dos dízimos, tem entrado, segundo dizem, no projecto de cunhar moeda... E que mais faria uma provincia que se tivesse proclamado independente?

S. Paulo sobejamente manifestou os seus sentimentos livres que possui nas politicas instrucções que dirige aos seus illustres deputados. Ella ahí corre a expressar os mais positivamente pela voz de uma deputação, que se apressa em apresentar a Vossa Alteza Real uma representação igual a deste povo! O Rio Grande de S. Pedro do Sul vai significar a Vossa Alteza Real que não possuido de sentimentos identicos, eio protesio deste honrado cidadão, que vedes incorporado a nós *(anda para o coronel Carneiro)*. Ah! Senhor, será possível que estas verdades, sendo tão publicas estejam fora do conhecimento de V. Alteza Real?... E, se de tudo isto é resultado certo que a patria está em perigo, qual será o remedio também achado que o salve?

A opinião publica, esta rainha do mundo poderosa, que todos os negocios politicos governa com acerto, o domina. Dê-se ao Brasil um centro proximo de união e actividade; dê-se-lhe uma parte do corpo legislativo e um ramo do poder executivo com poderes competentes, amplos, fortes e liberais... Mas enquanto não chega este remedio tão desejado, como necessario exige a salvação da patria que V. Alteza Real viva no Brasil... Ah! Senhor, se V. Alteza nos deixa, a desunião é certa! Demorae-vos, Senhor, entre nós... Tais são, Senhor, os votos deste povo... que... roga a V. Alteza Real que se digne de os acolher benigno e annuir a elles. *(Faz venia e volta ao seu logar)*

CEL. CARNEIRO

(anda-se para o throno e faz venia ao Príncipe) Serenissimo Senhor, a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, secundando os votos da provincia do Rio de Janeiro, que V. Alteza Real acaba de escutar, vota com Vossa Alteza para que se digne permanecer entre nós, tomando a si a justa causa dos brasileiros *(volta ao seu logar)*.

D. PEDRO

(após de reflectir um pouco, diz com calma e sentencioso) Isso é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou prompto: digam ao povo que fico. *(Palmas)*.

PR. SAMPAIO

(andando-se até o throno) Senhor, acabas de dar a mão ao Brasil: não podia ser outro o gesto de V. Alteza. Nossa patria saber-vos-á ser grata num futuro, talvez bem proximo. Deus nos abençoe: a V. Alteza Real, á Serenissima Princeza, aos principes e aos brasileiros.

CEL. CARNEIRO

(entusiasmado). Viva o Principe Real!

TODOS E VOZES DE FORA

Viva!

CARNEIRO

Viva o Brasil!

TODOS E DE FORA

Viva!

UMA VOZ DE FORA

Viva nosso primeiro imperador!

TODOS E DE FORA

Viva!

(Cde o pano)

QUADRO V

O CONSELHO DA INDEPENDENCIA

SCENARIO: Sala do paço de S. Christovam, Rio de Janeiro, em 2 de setembro de 1822. Ao centro, sobre estrado, uma secretaria aberta luxuosamente; pasta, escrivaninha, livros etc.; uma poltrona de espaldar alto; em baixo, poltronas menores, em numero de seis.

SCENA I

JOSÉ BONIFACIO E DRUMMONT, de pé, terminando um dialogo.

BONIFACIO

(passando a mão na cabelleira)—Então, sr. Drummond, podemos contar com a Bahia e Pernambuco incondicionalmente?



SOCIEDADE PARANIBANA — Senhora SANTINHA CASTELLO BRANCO

DRUMMONT

(quando os olhos para trás)—Incondicionalmente, sr. conselheiro. *(voltando-se para a porta)*.

BONIFACIO

(chegando ao salão)—Ficou bem, está bem. Fique connosco para assistir á sessão do conselho.

SCENA II

Os mesmos e Nóbrega Coutinho, Miranda Montenegro, Manuel Farinha e Martins Francisco

COUTINHO, MONTENEGRO, FARINHA E MARTINS

(chegando e parando, descobertos, para Bonifacio)—Dá licença, conselheiro?

BONIFACIO

(voltando-se para a porta)—Queiram entrar, meus amigos. *(Entram todos, apertando a mão a Drummond)*

COUTINHO

(apertando a mão a Drummond) — Estimo vel-o já por aqui.

DRUMMOND

Obrigado, sr. ministro da guerra.

MONTENEGRO, FARINHA E MARTINS

(apertando a mão a Drummond) — Nós também muito estimamos em revel-o.

DRUMMOND

Agradecido a vossas excellencias

MONTENEGRO

(para Drummond) — Boas novas, não é, sr. Drummond?

DRUMMOND

As melhores, consoante já informei ao exmo. sr. ministro do reino e estrangeiros (fodas cercam Drummond).

BONIFACIO

Posso affirmar-lhes, optimas. E em breve as dará deante do conselho. (Consultando) Estamos todos, não é?

Vou avisar á Princeza (Sae).

SCENA III

Os mesmos, menos Bonifacio.

MONTENEGRO

(para Drummond) — E' exacto, sr. Drummond, que os pernambucanos o supõem morto e bem morto?

DRUMMOND

Póde ser, excia. Desappareci dalli sem deixar informes; mas o trabalho está feito.

MONTENEGRO

E na Bahia? Consta que o senhor foi hospede do general Madeira...

DRUMMOND

Estive com elle varias vezes e tratou-me com extrema bondade; foi quem me salvou das mãos dos portuguezes.

MONTENEGRO

De sorte que o sr. Drummond, apesar de joven, é um diplomata de mão cheia.

TODO

Não ha duvida.

DRUMMOND

E' que a necessidade é a melhor das mestras.

SCENA IV

Os mesmos, José Bonifacio e a Princeza D. M. Leopoldina, acompanhada de duas damas de honôr

BONIFACIO

(chega á porta, trazendo a Princeza pelo braço, a qual é seguida das damas de honôr) — Podemos entrar, serenissima Senhora. (Os ministros, na sala, compõem-se, tomando os seus logares, e com elles Drummond; á passagem da Princeza os presentes fazem venia profunda e beijam-lhe a mão)

PRINCEZA

dando a mão a (vezar) — minhas saudações, srs. ministros. (Sen-

ta-se com muita gravidade e magestade.) Queiram sentar-se (fazendo gesto com a mão para que os presentes se assentem, ao que todos obedecem). Está aberta a sessão. Srs. ministros e conselheiros, desejo saber se convém que as minhas damas de honôr se ausentem. (As duas damas de honôr estão de pé, aos lados da poltrona da Princeza, um pouco para atrás)

BONIFACIO

Parece-me que não. Era para desejar que toda a cidade estivesse presente a este conselho de estado. Por mim podem permanecer.

OS DEMAIS

Podem permanecer.

SOCIEDADE

PARAHYBANA



Senhorita
ROSA MATTOS

PRINCEZA

(para as damas) Neste caso, fiquem em seus logares. (para os ministros) Pediu-me o dignissimo sr. ministro do reino e estrangeiros para convocar esta sessão do conselho de estado a fim de se discutir materia urgente, e aqui estou, no impedimento de meu augusto esposo, para assumir a responsabilidade que me couber. O sr. ministro José Bonifacio tenha a palavra.

BONIFACIO

(de pé) — Serenissima Princeza Regente, srs. ministros e conselheiros do reino do Brasil. (Atenção geral.) O assumpto da presente sessão é ainda o vexame com que as côrtes de Lisboa, numa mal comprehendida politica, tentam escravizar nossa patria. O Brasil teve seus portos abertos ao estrangeiro em 1808, em 1815 foi constituido reino unido a Portugal em 1822, e em 1824, occupado, portanto, hoje, por quem lhe dá direito a uma...

lência. Que venhos, porém? As côrtes de Lisboa, esquecidas de nossos direitos, querem reduzir-nos à condição de colônia em tudo e em parte. Já agora isto seria um roubo, um absurdo, um sacrilégio.

TODOS

Apoiado!

BONIFÁCIO

Pois, sereníssima Princeza e srs. ministros, as côrtes não têm olhos para ver tamanho absurdo. Impuzeram a 1.ª de outubro do anno passado que S. Alteza o Príncipe Regente voltasse

para expor que foi eu quem as abriu. (Continuando). Pois bem, srs. ministros, aqui está (mostra) a carta do presidente das côrtes de Lisboa: ella resume o conteúdo dos decretos que a acompanham. Chamo para ella vossa attenção. (Abre a carta e lê, subtilizando as phrases mais audaciosas). «Sereníssimo Príncipe D. Pedro de Alcântara: Junto a esta os decretos e resoluções que os côrtes portuguezes e constituintes da nação portugueza houveram por bem impôr aos povos do Brasil. Nelles verá V. Alteza Real como estas soberanas côrtes, tendo estudado as razões que V. Alteza expoz em suas ultimas cartas para Lisboa, e as representações de algumas camaras das provincias do Brasil,

reconhecem nullos e cavilhosos os fundamentos das ditas representações, reprovam o comportamento de V. Alteza Real, accedendo em desobedecer a estas côrtes soberanas, e intimam, de uma vez por todas, V. Alteza Real a deixar dentro de um mez o Brasil, do qual já não é mais Regente, mas sim a junta de regencia nomeada pelas côrtes. Caso, porém, V. Alteza Real resista ás ordens formaes que as côrtes, por meu intermedio, lhe communicam, o que não se pôde esperar, scientifico-lhe que as côrtes se reservam o direito de o julgar e, até, de o privar da successão ao throno portuguez. Por aquelles decretos mandam ainda as côrtes soberanas que V. Alteza Real demitta todos os conselheiros que lhe não adverte, tiram para obedecer as ordens daqui emanadas, como também ao sr. José Bonifacio de Andrade e Silva, que desde agora está demittido do ministerio do reino e estrangeiros, devendo instaurar-se processo administrativo sobre sua gestão naquella importante encargo. Queira V. Alteza Real levar ao conhecimento dos brasileiros estas resoluções das soberanas côrtes portuguezes, aquem vossa Alteza e os povos do Brasil devem obediencia sem tergiversões. Deus guarde a V. Alteza Real, Sr. D. Pedro de Alcântara. Assignado: Carlos Honório de Gouveia Durão, presidente das Côrtes.» (Fecha a carta).

M. FRANCISCO, MONTE-NEIRO E FARINHA

Isto é um absurdo!

X. COUTINHO

O cumulo dos absurdos!

PRINCEZA

(com indignação)—E ao absurdo não se obedece.

TODOS

Apoiado!

BONIFÁCIO

Aqui tendes, srs. ministros e conselheiros do reino do Brasil, a letra audaciosa que as impoliticas côrtes portuguezas atiram á face do nosso país, porque a causa pela qual respondem as camaras brasileiras e o Príncipe Regente é a causa do Brasil. Portugal não reconhece mais nossos direitos, e que direitos lhe reconhecermos nós?

TODOS

SOCIEDADE

PARAHYBANA



ANNA CAMPOS

à Europa, para o que lhe enviaram até numerosa esquadra e nomearam uma junta de regencia na Bahia, e como S. Alteza, com aquelle gesto dignissimo de sua pessoa, preferisse ficar commosco e obrigasse a esquadra a voltar as prôas para Lisboa, as côrtes, novamente, numa insistencia impolitica e irritante, mandam novas ordens atrevidas e indignas da augusta pessoa a quem se destinam. (Mostrando as). Aqui estão. Com muita razão supponho que fosse portadora de graves negocios a correspondencia chegada hontem de Portugal para o Príncipe Regente. Trouxe-a, então, a S. Alteza a Princeza, e lhe fiz ver minhas supposições...

PRINCEZA

(tomando a palavra)—E eu, tomando-as, abri-as immediatamente, e... (para Bonifacio) que lhe disse, sr. ministro?

BONIFÁCIO

Dize-me textualmente: «Leia-as sr. ministro e resolva como for melhor para o bem da patria brasileira; eu vou ao meu trabalho».



SOCIEDADE PARAHYBANA — Senhorita DULCE ARAÓJO

BONIFACIO

Só uma coisa nos resta: proclamar a independência nacional já e já.

TODOS

Já e já.

BONIFACIO

Estaremos preparados para isto?

PRINCEZA

(com entusiasmo)—Ainda que fossemos vítimas de nossa ousadia, era preferível trocar a vida pela liberdade deste grande povo

BONIFACIO

Morrámos, mas liberte-se o Brasil.

TODOS

Liberte-se.

BONIFACIO

Espera-se por o Brasil independente, com a situação do mundo

TODOS

Esperamos.

BONIFACIO

(apontando para Drummond)—Ahi está o Sr. Drummond (todos olham para Drummond); elle acaba de chegar do norte, pois que diga como se trabalha por lá. Serenissima Sra. peça a palavra para o sr. Drummond. (Senta-se)

PRINCEZA

Tenha a palavra o sr. Drummond.

DRUMMOND

(levanta-se)—Serenissima Princesa Regente, exmos srs. ministros e conselheiros do reino do Brasil. Estive no Recife e na Bahia, os baluartes do norte. O Recife vive sonhando com a liberdade nacional: o que ha por lá são ansias de liberdade. Pernambuco não pôde mais esperar; as victimas de 17 revivem por toda a parte. Se o sul não se proclamar logo independente, elle o fará com as provincias vizinhas: Parahyba, Rio Grande, Ceará. A Bahia soffre constrangida o jugo do general Madeira; desde julho que a villa de Cachoeira levantou a bandeira da revolta. O resto da Bahia espera apenas a palavra do Principe para varrer, a páo ou a bala, a gentinha lusitana. Em uma palavra: o norte quer a independencia, e se o Principe Regente não a proclamar, os patriotas dalli o farão por si mesmos.

BONIFACIO

Apoiado!

DRUMMOND

(continuando)—Eu vi e conversei com todos, e prometti-lhes a independencia sem tardança, e aqui estou a dizer-vos o que meus olhos viram e meus ouvidos ouviram; se, porém, duvidaes, exmos. srs. ministros, ide até lá. Talvez sejaes testemunhas da proclamação da liberdade nacional. Tenho dito. (Senta-se).

BONIFACIO

(depois que Drummond se senta)—O sr. Drummond é incapaz de mentir.

DRUMMOND

Nem de exagerar.

TODOS

Acreditamol-o.

BONIFACIO

Serenissima Princesa Regente, o caso está exposto. Proponho que se escreva, agora mesmo, ao Principe Regente, para que proclame immediatamente a independencia do Brasil; queira V. Alteza Real consultar o ministerio. (A' parte) Meu querido S. Paulo, em ti vae romper o sol da liberdade nacional!

PRINCEZA

Sr. Ministro da marinha, o seu voto.

M. FARINHA

Voto pela independencia immediata.

PRINCEZA

Sr. Ministro da guerra...

N. COUTINHO

PRINCEZA

Sr. Ministro da guerra...

M. MONTENEGRO

A independência agora mesmo.

PRINCEZA

Sr. Ministro da fazenda.

M. FRANCISCO

Concordo in totum.

PRINCEZA

(com súbita resolução, levantando-se) — Srs. Ministros, é de pé que devemos votar a independência do Brasil.

TODOS

(de pé, com entusiasmo) — Proclame o Príncipe a independência nacional.

PRINCEZA

(com esforço e batendo na mesa) — Cumpra-se.

(Cde o pano)

QUADRO VI

O ORITO DO YPIRANGA
— 7 DE SETEMBRO DE 1882

SCENARIO: No campos arborés ao fundo; duas entradas: uma à esquerda e a outra à direita; corre um regato pelo campo pintado.

SCENA I

A guarda de honra do Príncipe D. Pedro, sob o commando do cel. Marcondes; Bregaro e Ramos Cordeiro, correios da corte. Estes dois últimos entram pela esquerda e a guarda pela direita, ao levantar o pano, encontrando-se ao meio do palco.

CORDEIRO E BREGARO

(fazendo continência aos da guarda, no que são por ella correspondidos) — O Príncipe?

MARCONDES

(advantando-se) — Correio da corte?

BREGARO

Sim, urgente. Onde está o Príncipe?

MARCONDES

A pequena distancia. Mandou-nos esperar alli na venda do Mariano (aponta para a porta esquerda), mas vem proximo; podem esperar o comnosco.

BERGARO

Não tenho ordens de esperar. O sr. ministro José Bonifácio disse-me que, se não matasse uma dúzia de cavallos, nunca mais seria correio. (Pegando a continência e lá da marcha) Obrigado, sr. ministro. (Para a guarda)

SCENA II

Os mesmos, menos Bregaro e Cordeiro

MARCONDES

(depois de alguns instantes) — Correio urgente, urgentissimo. E este é o segundo em menos de duas horas. Ainda ha pouco, quando chegamos ao alto da serra, S. Alteza recebeu correspondencia da corte, agora este outro...

UM DA GUARDA

(sentencioso) — Graves acontecimentos dão-se por lá. Ninguém pôde supportar mais o jugo de Portugal.

MARCONDES

Vamos, camaradas, para a venda do alferes Mariano. O Príncipe não ha de tardar.

TODOS

(tomando marcha) — Vamos. (Saem pela esquerda e a scena fica dois minutos vazia)

SCENA III

O príncipe D. Pedro e seu sequito: Padre Belchior, tenente Canto e Mello, Floriano Toldo, Bregaro, Carlota, Chulapa e Ramos Cordeiro.

D. PEDRO

(o Príncipe com seus companheiros entra lentamente pela direita, lendo muito attento uma carta; ao terminar a leitura, diz para o Padre Belchior). Sustente-a, padre Belchior. (Para o meio do palco, de frente para os espectadores; os companheiros silenciosos e curiosos têm os olhos nelle, que abre uma segunda carta e lê, ao terminá-la e entregando-a ao Padre Belchior). Isto não pôde ser. (Abre e lê terceira carta, fechando-a e entregando-a ao Padre Belchior, em tom exterior). Leia-as, sr. padre Belchior. (Começa a passear, nervoso).

BELCHIOR

(recebe a ultima carta) — Obedeço, Alteza. (E começa a lê para si).

D. PEDRO

Alto, sr. padre.

BELCHIOR

(com uma carta na mão) — Meu querido Pedro: Saudades e muitas saudades. Ora esta receberá você a ultima correspondencia chegada de Lisboa... (lê a carta)... As cortes já foram reunidas que desesperam. Reuni o ministério, e este votou por unanimidade, a indicação de nosso sabio e valeroso ministro do reino e estrangeiros que se proclamasse immediatamente a independência absoluta do Brasil. Não podia ser outra a resolução. Ora, sr. meu querido Pedro, o pater do maior dos brasileiros e seu amigo leal. Eu o espero em festas aqui no Rio de Janeiro, para celebrá-lo pela liberdade do Brasil, que, rogo-lhe, não deixe de celebrar com instantes. Viva o Brasil independente! Sua... (lê a carta)... (Debra a carta).

BELCHIOR

Obedeço. — (Abre a segunda carta e lê) «Sereníssimo Príncipe Regente: O cargo, que a alta sabedoria de V. Alteza Real me impoz em seu conselho de ministros, obriga-me a um grave dever de consciência neste momento. Levo as angustias máis de V. Alteza Real as ultimas ordens recebidas das côrtes de Lisboa,

as quaes como a esclarecida intelligencia de V. Alteza verá, são não somente inexequíveis, mas obrigam o Brasil a tomar um partido extremo, sob pena de se escravizar para sempre. Por isso, antes de as trazer á sua alta consideração, julguei de meu dever reunir o conselho, sob a presidencia de S. Alteza Real a Princesa; e esse, depois de estudadas maduramente as razões, votou unanimemente que V. Alteza Real proclamasse sem tardança a independencia absoluta deste grande povo que o ama, que lhe obedece, que lhe quer coroar a fronte com o diadema imperial. Não podemos mais, Senhor, suportar os veximes, os insultos, os ferros das côrtes portuguezas que espezinhavam o Brasil e a V. Alteza Real, pelo muito amor que tem a esta grande patria. A Princesa, o conselho de ministros, esta leal cidade, os brasileiros todos, e entre elles em primeiro logar os dois anjinhos com que o céu lhe presenteou nestas paragens americanas, instam e supplicam que V. Alteza proclame immediatamente a independencia nacional.

O Brasil espera apenas o brado de vosso peito, e se elle tardar não faltarão aventureiros que se atrevam a lançal-o. Pernambuco e Bahia estão com-nosco.

Sereníssimo Príncipe, chegou a hora definitiva da independencia do Brasil. José Bonifacio de Andrada e Silva, ministro do reino e estrangeiros». (Fecha a carta)

D. PEDRO

(Com aborrecimento) — Leia a ultima.

BELCHIOR

(abre a terceira carta e lê). — «Sereníssimo Príncipe D. Pedro de Alcântara:

Junto a esta os decretos e resoluções que as côrtes geraes, extraordinarias e constituintes da nação portugueza houveram por bem impôr aos povos do Brasil. Nelles verá V. Alteza Real como estas soberanas côrtes tendo estudado as razões que V. Alteza expoz em suas ultimas cartas para Lisboa, e as representações de algumas camaras das provincias do Brasil, reconheceu nullo e caviloso os fundamentos das ditas representações, reprovam o comportamento de V. Alteza, Real accedendo em desobedecer a estas côrtes soberanas, e intimam, de uma vez por todas, V. Alteza Real a deixar dentro de um mez o Brasil, o qual já não é mais Regente, mas sim a junta de regencia nomeada pelas côrtes. Caso, porém, V. Alteza Real resista ás ordens formaes que as côrtes por meu intermedio lhe communicam, o que não se pôde esperar, scientifico-lhe que as côrtes se reservam o direito de o julgar e, até, de o privar de successão ao throno portuguez. Deo aquelles decretos mandam ainda as côrtes soberanas que V. Alteza Real demitta todos os

sr. José Bonifacio de Andrada e Silva que desde agora está demittido do ministerio do reino e estrangeiros, devendo instaurar-se sem demora processo administrativo sobre a sua gestão naquella importante encargo. Queira V. Alteza Real levar ao conhecimento dos brasileiros estas resoluções das soberanas côrtes portuguezas a quem V. Alteza e os povos do Brasil devem abediencia sem tergiversões. Deus guarde a V. Alteza Real Sr. D. Pedro de Alcântara Assignado: Carlos Honório de Gouveia Durão, Presidente das Côrtes».

D. PEDRO

(avançando para o Pe. Belchior, toma-lhe a ultima carta, amarrota-a e atira-a ao chão) — Miscraveis! Têm captivo a meu Pae e querem escravizar-nos tambem... Estão enganados. (Em tom de consulta para o Pe. Belchior) — Que fazer, sr. padre Belchior?

BELCHIOR

(abaixa-se lentamente e apunha a carta; dobrando-a) — Se V. Alteza não se faz rei do Brasil será prisioneiro das Côrtes e talvez desherdado por ellas. Não ha outro caminho senão a independencia e a separação.

D. PEDRO

(pensativo, passella alguns instantes em silencio á frente do grupo, depois diz para o tenente Canto e Mello) Sr. tenente, chame a minha guarda (Canto e Mello são immediatamente pela esquerda, depois de fazer continencia ao Príncipe). Tanto sacrificio feito por mim e pelo Brasil... e não cessam de cavar a nossa ruina... E' preciso acabar com isto... Sr. padre Belchior, as Côrtes o querem, ficará por sua conta. Perseguem-me, chamam-me por despreso Rapazinho e Brasileiro; pois verão agora quanto vale o Rapazinho, quanto pôde o Brasileiro. De hoje em diante estão quebradas as nossas relações: nada mais quero do governo portuguez.

BELCHIOR

Viva a liberdade! (Descobrem-se todos os paisanos).

TODOS

Viva!

BELCHIOR

Viva D. Pedro!

TODOS

Viva! — (A guarda de honra, que vem chegando, acompanha este viva com muito enthusiasmo).

SCENA IV

Os mesmos, a guarda de honra e Canto e Mello, que entram pela esquerda, em continencia ao Príncipe e assim permanecem.

D. PEDRO

(para a guarda) Camaradas, as côrtes de Lisboa querem mesmo escravizar o Brasil, mimpna, paulista, paulista... (para os paisanos) Camaradas, a guarda de honra



SOCIEDADE PARAHYBANA — Senhorita ESTHER DESERRA

(Agar do tope do chapéu) Laços fôra! (Todos o imitam). Viva o Brasil independente!

TODOS

(com entusiasmo)—Viva!

D. PEDRO

(Com a espada, que conserva estendida para a frente. Imitando os militares, os paisanos estiram o braço com a mão enfiada) — Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro fazer a liberdade do Brasil.

TODOS

(com entusiasmo)—Juramos.

D. PEDRO

(Arregando-se nos pés e com todos os pulmões, levantando a espada aos ares)—Independência ou morte!

TODOS

(imitando o gesto do Príncipe; os paisanos levantam a mão milha com a chapéu)—Independência ou Morte!

(Cae o pano e a orchestra rompe o hymno da Independencia)

APOTHEOSE

Ao centro, sobre um pedestal o Brasil, vestido á república, empunhando na esquerda a bandeira da monarchia, na direita a república; por traz, sobressae o Anjo do Brasil, sustentando o Cruzeiro do Sul, um pouco inclinado para a esquerda, acima a cabeça do Brasil; ao pé do monumento, D. Pedro, ao centro, dando a mão direita a José Bonifácio e a esquerda a Princesa D. Leopoldina; nos angulos do pedestal: Tiradentes, Peregrino de Almeida, Padre Miguelinho e Fr. Sampaio.

Um grupo de 21 anjinhos, representando os estados brasileiros, entoa o «Hymno Nacional» e atira flores sobre o Brasil, os heróis da Independência.

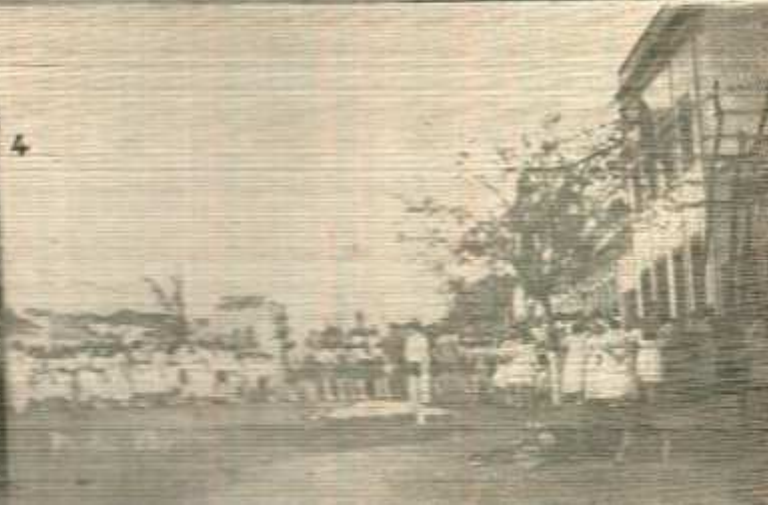
35—IX—1900

Padre J. TIBURCIO

AS FESTAS CENTENARIAS EM PICUHY E SERRARIA

EM PICUHY — 1) Monumento commemorativo da Independência. 2) Missa campal. 4) Festas escolares.

EM SERRARIA — 3) Pesseata civica das escolas.





Sr. SEVERINO REIS AMORIM, chefe da firma
Ferreira Amorim & Cia



Sr. JOÃO REIS AMORIM, da firma Ferreira
Amorim & Cia.

ALTO COMMERCIO DESTA CAPITAL

Sr. BARTHOLOMEU BARBOSA, da firma Ferreira
Amorim & Cia.



Sr. FRANCISCO GUIMARÃES, da firma
Guimarães & Irmão.

